

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

GIOVANA MARIA DE MORAIS COSTA

GUILHERME NEVES SERAPIÃO

**RELAÇÕES COMERCIAIS E A GUERRA RUSSO-
UCRANIANA: consequências e impactos de conflitos
internacionais para empresas brasileiras**

Taubaté – SP

2023

**GIOVANA MARIA DE MORAIS COSTA
GUILHERME NEVES SERAPIÃO**

**RELAÇÕES COMERCIAIS E A GUERRA RUSSO-
UCRANIANA: consequências e impactos de conflitos
internacionais para empresas brasileiras**

Trabalho de Graduação, modalidade de Trabalho de Graduação apresentado ao Departamento de Gestão e Negócios da Universidade de Taubaté para obtenção do Título de Bacharel em Administração.

Orientador (a): Prof. Robson de Moraes R. M. F. Lourenço

Taubaté – SP

2023

SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU

C837r Costa, Giovana Maria de Moraes
Relações comerciais e a guerra Russo-ucraniana : consequências e impactos de conflitos internacionais para empresas brasileiras. / Giovana Maria de Moraes Costa, Guilherme Neves Serapião- 2023.
51 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de Gestão e Negócios, Taubaté, 2023.
Orientação: Prof. Me. Robson de Moraes R. M. F. Lourenço - Departamento de Gestão e Negócios.

1. Conflito - Administração - Aspectos econômicos. 2. Empresas brasileiras.
3. Comércio. I. Título.

CDD- 303.69

GIOVANA MARIA DE MORAIS COSTA
GUILHERME NEVES SERAPIÃO

**RELAÇÕES COMERCIAIS E A GUERRA RUSSO-
UCRANIANA: consequências e impactos de conflitos
internacionais para empresas brasileiras**

Trabalho de Graduação, modalidade de
Trabalho de Graduação apresentado ao
Departamento de Gestão e Negócios da
Universidade de Taubaté para obtenção do
Título de Bacharel em Administração.

Orientador (a): Prof. Robson de Moraes R. M. F.
Lourenço

Data: _____

Resultado: _____

COMISSÃO JULGADORA

Prof. _____ Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. _____ Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. _____ Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Aos nossos pais, professores e amigos pelo incentivo constante.

AGRADECIMENTOS

A Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de nossas vidas, e não somente nestes semestres como estudantes, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Ao nosso orientador, Prof. Robson de Moraes R. M. F. Lourenço, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho, constante apoio, incentivo e críticas.

Aos nossos colegas de turma, por nos apoiar e nos incentivar nos momentos difíceis.

E aos nossos pais, familiares e amigos, por estarem sempre ao nosso lado, nos apoiando e ajudando a passar pelos desafios.

"O caminho para o desenvolvimento social e econômico – seja de um país ou de uma organização – passa necessariamente pela administração."
(Idalberto Chiavenato)

COSTA, Giovana Maria de Moraes; SERAPIÃO, Guilherme Neves. **RELAÇÕES COMERCIAIS E A GUERRA RUSSO-UCRANIANA: consequências e impactos de conflitos internacionais para empresas brasileiras**. 2023. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2023.

A Guerra Russo-Ucraniana, que teve seu início dia 24/02/2022, com a invasão russa ao território ucraniano por meio de ataques terrestres e aéreos, trouxe impactos em todos os setores do mundo. Ao longo de sua duração, a guerra registrou momentos históricos para o mercado internacional e a geopolítica mundial, trazendo mudanças em relação às alianças políticas e econômicas das nações. As relações comerciais entre alguns países se estremeceram e novas alianças foram formadas. Fato é que, as empresas sentiram os impactos desse conflito em suas atividades. O objetivo deste trabalho é explicitar as consequências da Guerra Russo-Ucraniana para as empresas, trazendo assim a mensuração do impacto de um conflito internacional do oriente em toda a atividade de uma organização, mais precisamente, nas atividades de empresas brasileiras em diversos âmbitos, em especial, econômico e empresarial. O método utilizado para a elaboração desse trabalho é a revisão da literatura existente sobre o tema. Estudos apontam que pelo menos 42% das empresas brasileiras notaram impactos negativos relacionados ao conflito, como alta do preço dos insumos e matérias-primas e produtos usados para a fabricação de outras mercadorias. Os impactos puderam ser notados por empresas de diversos setores, como indústrias de biocombustíveis, metalurgia, montadoras de veículos, fábricas de limpeza e perfumaria etc. Por outro lado, algumas empresas notaram impactos positivos, como o caso do setor agrícola, pois, o Brasil, ao lado da Ucrânia e da Rússia, é um dos grandes exportadores de trigo do mundo e registrou alta de mais de 27% em comparação com a temporada passada. Portanto, pode-se concluir que, empresas e consumidores brasileiros sentiram os impactos e consequências, tendo que se adequar aos novos padrões estabelecidos pelo mercado após a Guerra Russo-Ucraniana.

Palavras-chave: Guerra Russo-ucraniana. Comércio. Empresas brasileiras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – PRESIDENTE DA RÚSSIA, VLADIMIR PUTIN.....	11
Figura 2 – TERRITÓRIOS DA RÚSSIA DE KIEV NO SÉCULO XXI.....	12
Figura 3 – CRIAÇÃO DA CEI.....	15
Figura 4 – CARACTERIZAÇÃO DA GUERRA FRIA.....	17
Figura 5 – MAPA DA RÚSSIA ATUAL.....	18
Figura 6 – RETRATO DA GUERRA.....	21
Figura 7 – RETRATO DA GUERRA RUSSO-UCRANIANA.....	25
Figura 8 – ESCAMBO NA ANTIGUIDADE.....	27
Figura 9 – MOEDAS ANTIGAS.....	28
Figura 10 – BLOCOS ECONÔMICOS NO MUNDO.....	31
Figura 11 – TANQUE NA GUERRA DE YOM KIPPUR EM 1973.....	33
Figura 12 – VARIAÇÃO PETRÓLEO NA DÉCADA DE 70.....	35
Figura 13 – MANIFESTAÇÃO IRANIANA EM 1978.....	36
Figura 14 – SEDE DA ONU EM NOVA IORQUE.....	40
Figura 15 – EXPANSÃO DA OTAN DESDE 1997.....	42
Figura 16 – OPERAÇÃO DE PETRÓLEO NA RÚSSIA.....	43
Figura 17 – PRODUÇÃO DE TRIGO NO BRASIL.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVO	9
1.2 DELIMITAÇÃO	9
1.3 JUSTIFICATIVA	10
1.4 METODOLOGIA	10
1.5 ESTRUTURA	10
2 RÚSSIA E UCRÂNIA	11
2.1 RÚSSIA	11
2.1.1 RÚSSIA DE KIEV	11
2.1.2 REVOLUÇÃO RUSSA E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	12
2.1.3 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A CRIAÇÃO DA FEDERAÇÃO RUSSA	13
2.1.3.1 CEI	14
2.1.4 GUERRA FRIA	16
2.1.5 RÚSSIA ATUAL	17
2.2 UCRÂNIA	19
2.3 CONFLITOS INTERNACIONAIS E GUERRAS	19
2.3.1 HISTÓRICO DE CONFLITOS ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA	21
2.3.2 GUERRA RUSSO-UCRANIANA	23
3 RELAÇÕES COMERCIAIS	26
3.1 CONCEITO DE COMÉRCIO	26
3.2 HISTÓRICO DO COMÉRCIO	26
3.3 TIPOS DE COMÉRCIO	28
3.4 BLOCOS ECONÔMICOS	30
3.5 RELAÇÕES COMERCIAIS NOS CONFLITOS	32
3.5.1 RELAÇÕES COMERCIAIS NA GUERRA RUSSO-UCRANIANA	36
3.5.1.1 ORGÃOS MEDIADORES DO CONFLITO	39
3.6 CONSEQUÊNCIAS E IMPACTOS DA GUERRA RUSSO-UCRANIANA PARA EMPRESAS BRASILEIRAS	43
4 CONCLUSÃO	46
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1 INTRODUÇÃO

As relações comerciais estão presentes no mundo todo e na vida de todos, seja em uma simples compra de um pão francês na padaria de manhã, ou em uma compra de uma empresa no mundo dos negócios. Uma relação de comércio consiste em uma atividade produtiva entre duas ou mais partes, ou seja, uma vendedora e uma compradora. Existem diversos tipos de comércio, elencados pela comunicadora Marcela Couto (2023).

Em outro paralelo, existem os conflitos internacionais e/ou guerras, que podem ser definidos como um desacordo de fato ou direito entre dois países por diferentes motivos, como interesses políticos e econômicos, disputas territoriais, rivalidades étnicas, entre outros. Ao decorrer da história, foi registrado diversos conflitos internacionais como a Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, Guerra do Vietnã, Guerra do Afeganistão, e mais recente, a Guerra Russo-Ucraniana. A Guerra Russo-Ucraniana começou em 2022 e é um conflito que acontece no Leste do continente europeu. Após um ano de seu início, os ataques continuam.

As consequências e os impactos da Guerra Russo-Ucraniana para empresas e consumidores foram as mais variáveis possíveis nesse mundo contemporâneo e puderam ser sentidas por todos, desde pelo consumidor ao comprar seu pão francês na padaria de manhã, até pelos diretores executivos de multinacionais, de forma positiva ou negativa.

1.1 OBJETIVO

Explicitar as consequências da Guerra Russo-Ucraniana para as empresas, trazendo assim a mensuração do impacto de um conflito internacional do oriente em toda a atividade de uma organização.

1.2 DELIMITAÇÃO

Os estudos foram realizados tendo como base e foco no desdobramento da Guerra Russo-ucraniana e suas consequências nas atividades de empresas brasileiras em diversos âmbitos, em especial, econômico e empresarial.

1.3 JUSTIFICATIVA

A Guerra Russo-Ucraniana se estende até os dias de elaboração deste trabalho. Ao longo de sua duração, a guerra registrou momentos históricos para o mercado internacional e a geopolítica mundial, trazendo mudanças em relação às alianças políticas e econômicas de nações. Essas mudanças puderam ser sentidas em diversos segmentos e setores, pois a economia mundial foi afetada. Empresas e consumidores sofreram e ainda sofrem com os novos padrões estabelecidos pelo mercado, justificando a importância do trabalho.

1.4 METODOLOGIA

O método utilizado para a elaboração desse trabalho é a revisão da literatura existente sobre o tema. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em pesquisas e materiais já elaborados, ou seja, trata-se de uma revisão de pesquisas e discussões de diversos autores sobre o tema abordado. A adoção da revisão bibliográfica garante a confiabilidade e a qualidade técnica e científica do trabalho.

1.5 ESTRUTURA

Este trabalho está estruturado em 4 (quatro) capítulos, de forma que a sequência das informações ofereça um perfeito entendimento de seu propósito.

No Capítulo 1, apresenta-se uma introdução abordando a contextualização do tema, ainda trata do objetivo, da delimitação do tema, da metodologia e como está organizado.

Os Capítulos 2 e 3 trata-se das revisões bibliográficas referentes a Rússia e Ucrânia e as Relações Comerciais, tópicos necessários para explicitar a justificativa, acerca das consequências dos conflitos internacionais para empresas brasileiras.

E no Capítulo 4 são realizadas as conclusões e considerações acerca do tema.

2 RÚSSIA E UCRÂNIA

2.1 RÚSSIA

Segundo Silva (2023), a Federação Russa adota um sistema de república semipresidencialista federal, onde o Presidente exerce o cargo de chefe de Estado e o Primeiro-Ministro ocupa a posição de chefe de Governo. Em abril de 2021, após ser aprovada pelo parlamento, o Presidente Vladimir Putin promulgou uma lei que lhe permite concorrer a mais dois mandatos nas eleições, estendendo assim seu período presidencial até 2036.

FIGURA 1: PRESIDENTE DA RÚSSIA, VLADIMIR PUTIN



FONTE: SPUTNIK/MIKHAIL KLIMENTYEV, 2023

Porém, para compreender antes de se tornar a Federação Russa atual, o país passou por diversas fases, desde a Rússia de Kiev.

2.1.1 RÚSSIA DE KIEV

A Rússia de Kiev, também conhecida como Rus Kievana, foi fundada no século IX por nobres guerreiros vikings e seus descendentes. Segundo Santos e Xavier (2014), a cidade de Kiev se tornou a capital do primeiro estado russo em 882. Esse território agrupava russos, ucranianos e bielorrussos.

A Rus Kievana pode ser considerada, segundo Segrillo (2012), uma confederação solta, não sendo centralizada, de cidades-estados governadas por

nobres vassallos do Grande Príncipe de Kiev e era um centro de comércio importante entre o Ocidente e o Oriente, através das rotas dos rios Volga e Dniepre, porém, essa descentralização era refletida em desunião durante guerras contra um inimigo em comum.

Segundo Mark (2018), o Estado denominado Rússia de Kiev, caiu entre os anos 1237-1242, ante os mongóis. Houve uma divisão da região em diversas partes, que acabaram se tornando os estados modernos de Belarus, Rússia e Ucrânia.

FIGURA 2: TERRITÓRIOS DA RÚSSIA DE KIEV NO SÉCULO XXI



FONTE: WORLD HISTORY ENCYCLOPEDIA, 2018

2.1.2 REVOLUÇÃO RUSSA E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Segundo Guitarrara (2023), “A ocupação do território russo foi acontecendo gradativamente à medida que diferentes povos se instalavam na extensa área do país. Esse sistema teve fim apenas com a Revolução Russa de 1917. Esta, por sua vez, aconteceu ao mesmo tempo em que se desenrolava os conflitos da Primeira Guerra Mundial, que repercutiram em território russo de forma a acelerarem as revoltas populares.”

O período de Revolução Russa foi extremamente conturbado e tumultuado que levou a queda do governo da época (Czarista). Sendo assim, dividida em duas fases

primordiais, Revolução de Fevereiro com abdicação de Czar e insatisfação geral da população, oriunda da Primeira Guerra Mundial e suas consequências posteriores, dando margem para a segunda etapa, Revolução de Outubro.

Revolução de Outubro foi a tomada de um governo, até então, provisório. Rodeado de ideias inovadoras, estabelecidas por um regime comunista, que forneceu estopim a Era Soviética. Esse marco contextualiza e molda as práticas, política e a sociedade, no século XX.

A contextualização anexada a Primeira Guerra Mundial se faz extremamente relevante, ao mostrar um conflito entre as principais potências mundiais da época. Fundamentadas perante inúmeros aspectos, principalmente, alianças políticas, nacionalismo exacerbado, rivalidades territoriais e econômicas. Sendo assim, é possível afirmar, que moldes atuais são provenientes das marcas importantes, de transformações econômicas, políticas e sociais, ainda que, tenha sido marcado por um custo humano, financeiro e tecnológico.

Desta forma, a participação Russa foi de extrema importância, tendo em vista, que era subsidiada por outros países de sua Tríplice, e ainda possuía estruturas e potências menor, sendo assim, prejudicada no fator resistência e cada vez mais mutilada por seus oponentes. Portanto, é possível dizer que um dos inimigos da União Russa, era ela mesmo, baseado em sua logística, despreparo, recursos, armamentos, psicológico e comando, que por sinal, teve seu líder Czar Nicolau II assumindo as rédeas de suas tropas. Além disso, o tempo foi um fator prejudicial, a cada instante que se passava, novas derrotas iam se sobrepondo, causando irritação e manifestações sociais, inclusive violentas. Ainda assim, acarretou a abdicação de seu líder e uma formação de novos formatos em governos provisórios e revolucionários.

Em contextos nacionais, o Brasil adotou primeiramente medidas neutras, abastecendo comercialmente ambas as partes, sem princípios relevantes de acordo, mudado posteriormente, com afundamento de submarinos brasileiros, por parte da guarda alemã, levando-a ao rompimento diplomata entre os países.

Segundo Soares (2009), “O conflito teve impactos econômicos e políticos no Brasil, influenciando mudanças na política externa e fortalecendo bravamente a indústria nacional.”

2.1.3 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A CRIAÇÃO DA FEDERAÇÃO RUSSA

A Segunda Guerra Mundial foi um evento catastrófico que teve um impacto profundo no mundo, incluindo a União Soviética (URSS), que posteriormente se dissolveu em várias repúblicas independentes, incluindo a Federação Russa.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a participação da União Soviética foi altamente significativa no combate contra as Potências do Eixo, com foco especial na Alemanha nazista. A invasão alemã da União Soviética em 1941 marcou um momento

crucial. A URSS enfrentou batalhas intensas e desafiadoras; no entanto, contando com o apoio dos Aliados e demonstrando uma resiliência notável, foi capaz de rechaçar a invasão e progredir, desempenhando um papel essencial na derrota da Alemanha nazista.

A participação da União Soviética na Segunda Guerra Mundial foi marcada por uma série de eventos e marcos cruciais que tiveram um impacto significativo na guerra e no curso da história. Podemos citar a Operação Barbarossa, desencadeada onde a Alemanha nazista lançou uma invasão em larga escala contra a União Soviética, desencadeando a Operação Barbarossa. Este evento marcou o início da participação ativa da União Soviética na Segunda Guerra Mundial.

Já a Batalha de Stalingrado, ocorreu de agosto de 1942 a fevereiro de 1943, foi um marco decisivo na guerra. As forças soviéticas resistiram tenazmente ao cerco alemão, revertendo o avanço alemão e marcando um ponto de virada na guerra. Finalizando, a Batalha de Kursk, foi uma das maiores batalhas de tanques da história, onde as forças soviéticas detiveram um ataque alemão maciço. Foi uma vitória crucial para os soviéticos e um ponto de inflexão na Frente Oriental. A União Soviética sofreu enormemente durante a guerra, com milhões de mortes e danos materiais significativos. No entanto, sua vitória contribuiu para sua posição como uma das superpotências mundiais após a guerra.

Após a Guerra Fria, que foi uma intensa rivalidade entre os EUA e a URSS, a União Soviética enfrentou uma série de desafios políticos, econômicos e sociais. Em 1991, a União Soviética se dissolveu e várias repúblicas declararam independência, incluindo a Rússia. A Rússia emergiu como uma nação independente e soberana, conhecida como Federação Russa, no caso, uma república federal, composta por várias regiões autônomas e repúblicas. Desde sua independência, a Rússia tem passado por mudanças políticas, sociais e econômicas significativas, enfrentando desafios e oportunidades à medida que busca seu lugar no cenário global.

Logo, a Segunda Guerra Mundial desempenhou um papel importante na consolidação da União Soviética como uma potência global, mas após a guerra, a União Soviética enfrentou desafios internos que eventualmente levaram à sua dissolução e à formação da Federação Russa e outras nações independentes.

2.1.3.1 CEI

A Comunidade dos Estados Independentes (CEI), foi criada em 1991, e constitui-se num bloco político-econômico que reúne 12 das 15 repúblicas que formavam a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), com exceção de Lituânia, Letônia e Estônia, que solicitaram ingresso na União Europeia.

Desta maneira, a dissolução da União Soviética significou uma desvantagem econômica e militar para os antigos parceiros em comparação com os Estados da Europa Ocidental. Ainda existiam numerosos vínculos com parceiros comerciais

dentro da antiga União Soviética. O objetivo básico era inicialmente a cooperação econômica e militar, assim como o apoio mútuo.

Em razão dos diferentes desenvolvimentos políticos e ideológicos, poucos objetivos foram finalmente alcançados. A Moldávia e a Ucrânia, por exemplo, não participaram de acordos de segurança. Uma união aduaneira planejada não foi sequer implementada. Com o domínio crescente da Rússia, outros parceiros também se distanciaram cada vez mais. Formata-se a ideia de que, a admissão de numerosos estados do antigo bloco oriental na União Europeia, os interesses comerciais dos estados mais ocidentais da CEI também se deslocaram. Além disso, ressalta-se que a Ucrânia teve sua desintegração realizada, após a tentativa de anexação da Crimeia.

Há expectativas consolidadas e fundamentadas de que a mais-valia da CEI tem sido a reestruturação dos laços políticos no espaço pós-soviético, ainda que, os objetivos dimensionados nos desígnios da organização, podem ser amplamente definidos na sua carta constituinte, volta-se em três áreas essenciais: a cooperação em matéria de política externa, incluindo questões de defesa; a integração econômica; e promoção de estabilidade política e social.

É possível vislumbrar que, por contextualizações oportunas, a história da CEI confunde-se com a política externa russa para o espaço pós-soviético e a sua multitude de iniciativas. Enquanto comunidade política e cultural, mais do que uma realidade institucional de elevada relevância para os seus membros, ainda desta maneira, a CEI tem sido a base e o pilar, a partir da qual outras iniciativas regionais e bilaterais têm emergido e buscado resultados e medidas oportunas.

FIGURA 3: CRIAÇÃO DA CEI



FONTE: COMUNIDADE DOS ESTADOS INDEPENDENTES - SLIDESHARE, 2013

2.1.4 GUERRA FRIA

A Guerra Fria pode ser amplamente agremiada a um período geopoliticamente repleto de tensões, liderados por duas hiperpotências mundiais, que eram Estados Unidos e União Soviética. Caracterizado por disputas e rivalidades ideológicas, militares e políticas, entre os vínculos cordiais ligados à Capitalismo (EUA) e Socialismo (URSS).

O estopim desta corrida espacial, é fundamentalmente o fator ideológico, onde a divisão Capitalista, embasada na liberdade econômica e política; o lado Socialista, fundamentava o ideal de igualdade social e propriedade estatal. Consequentemente, ambos os lados, buscavam incessantemente expandir sua influência global, alinhando inclusive, recrutamento de aliados.

Consolidando este pensamento, segundo MacMahon, “As raízes imediatas da Guerra Fria, ao menos em termos estruturais amplos, estavam na intersecção entre um mundo prostrado por um conflito global devastador, sendo as receitas conflitantes de ordem internacional que Washington e Moscou procuravam impor a esse mundo influenciável e despedaçado pela guerra.”

Dentre os acontecimentos marcantes e fatos consolidados, podemos citar a criação da OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte, acordo de aliança militar entre Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Itália, Islândia, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal e Reino Unido, durante o ano de 1949. Dentre os principais objetivos, justificava-se uma resposta à crescente ameaça percebida da União Soviética e outros países do bloco socialista, a fim de garantir a segurança coletiva dos países, estabelecendo um sistema de defesa mútua em caso de ataque, a qualquer membro. É de extrema relevância que após o Período de Guerra Fria, as transformações na OTAN, se moldaram para operações desafios globais, como terrorismo, conflitos e instabilidade regional, consolidando-se como uma das mais importantes alianças no âmbito internacional.

O lado Socialista, se fundamentou na criação do Pacto de Varsóvia, para fazer frente a OTAN, no ano de 1955, onde seus membros União Soviética, Albânia, Bulgária, Checoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Romênia, também objetivaram a defesa coletiva contra eventuais agressões de países ocidentais, durante o período de Guerra, marcou uma das principais divisões políticas e militares, entre os blocos. Entretanto, após o fim deste período e o colapso da União Soviética caiu por terra em 1991, simbolizando o declínio do comunismo, e uma padronização do cenário geopolítico e mundial.

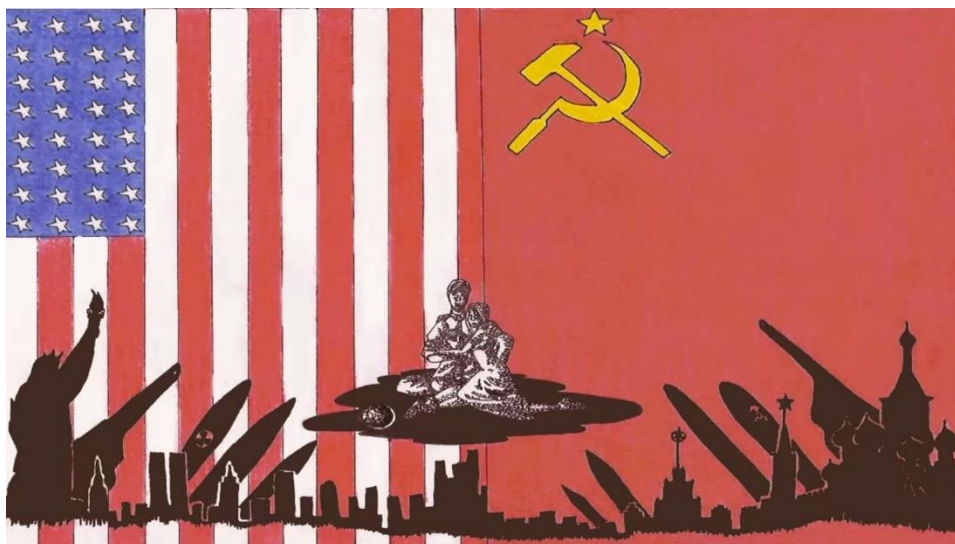
Ainda sobre essa disputa centrada entre os blocos, podemos citar os desenvolvimentos da época, tendo em vista que, inúmeros recursos tecnológicos foram pioneiros na Guerra Fria, onde foi necessário e um marco para diversas inovações, podendo citar a Internet, Micro-ondas, GPS, Computador, Laser, além de inúmeros recursos da medicina avançada. Sendo marcada pela intensa rivalidade e competição, que fez os soviéticos levarem Yuri Gagarin, ao espaço em 1961. Em resposta a este fato, os americanos levaram Neil Armstrong para a lua, em 1969, pois,

se concentrava em demonstrar superioridade tecnológica e militar ao mundo, para garantir vantagens estratégicas.

Concluindo de maneira também marcante, a queda do muro de Berlim, ocorreu em 1989, significando o colapso da Alemanha Oriental, do regime comunista e conseqüentemente, da Guerra Fria. O muro era uma representação física e ideológica entre as duas partes da Alemanha e também, seus respectivos grupos de supremacia mundial. Podemos relacionar a diversos fatos, entre eles, a pressão política e econômica interna, na parte Oriental, repleta e manifestações e a abertura política da União Soviética, levando então a multidão ao acesso entre os planos, com celebração social marcada por escaladas e desmembramento do muro. Fato este, crucial para o desmembramento da URSS, na reunificação da Alemanha, no ano seguinte, e fundamentalmente, reconfigurou a geopolítica global.

Segundo Bancher (2003), a queda de um muro que era símbolo extremo da intolerância e das guerras que sacudiram de forma tão impiedosa o século XX, e que continuaram de forma ampliada, tecnológica e de caráter insuspeitado, onde a causa não é Berlim, a Alemanha, a Segunda Guerra Mundial, mas as capacidades humanas de segrega⁴, punir, separar e proibir, usufruindo de armaduras e medo, entretanto, que foram vencidas por reação e queda das barreiras.

FIGURA 4: CARACTERIZAÇÃO DA GUERRA FRIA



FONTE: EMAZE/GEOGRAFIA GUERRA FRIA, 2023

2.1.5 RÚSSIA ATUAL

Atualmente, a Rússia é o país com maior extensão territorial do mundo, que se estende por dois continentes: a Europa e a Ásia. Segundo Guitarrara (2023), a Rússia é um dos principais países produtores e exportadores de petróleo e gás natural do mundo.

Sua forma de Governo é República Federal Semipresidencialista, conforme dados da ONU em 2020, sua população é de 145.934.000 habitantes. Embora a Rússia tenha uma das maiores populações mundiais, ela possui baixa densidade demográfica, ou seja, possui uma estimativa de apenas 8,9 habitantes por quilômetro quadrado (GUITARRARA, 2023).

FIGURA 5: MAPA DA RÚSSIA ATUAL



FONTE: BRASIL ESCOLA, 2023

Em relação à economia da Rússia, o PIB (Produto Interno Bruto) é de aproximadamente U\$ 1,7 trilhão. Mais de 60% desse valor corresponde ao setor de serviços, onde é concentrada a maior parte da mão de obra do país. Quase 33% do PIB Russo é representado pelo setor secundário.

Segundo Applebaum (2023), escritora russa, nos últimos 10 a 15 anos, "ficou evidente que a Rússia não estava caminhando em direção à democracia, mas se tornando uma ameaça para seus vizinhos". Ela mencionou a crise na Geórgia em 2008 e a primeira invasão russa da Ucrânia em 2014 como pontos de inflexão, além das "ameaças contínuas à Polônia, aos Estados Bálticos e até à Suécia ao longo dos anos", fornecendo a esses países "motivos válidos" para se preocuparem com as intenções de Moscou.

Apesar da ofensiva russa que começou há mais de um ano na Ucrânia, a dinâmica no terreno pode desencadear mudanças em Moscou. As "vitórias militares ucranianas no Sul, especialmente na Crimeia, podem finalmente influenciar o

equilíbrio de poder" e gerar transformações dentro do próprio Kremlin, mas o cenário global permanece incerto.

2.2 UCRÂNIA

A Ucrânia é um país do Leste Europeu com capital na cidade de Kiev. O seu território, o segundo maior do continente, é banhado pelo mar Negro e faz fronteira com outras sete nações, entre elas a Rússia, os quais possuem conflitos recentes e inacabados. Atualmente, possui em torno de 43 milhões de habitantes, a maioria deles vivendo nas áreas urbanas, tendo sua economia voltada ao setor terciário e na indústria de transformação, além da geração de energia elétrica.

Um dos principais atores do conflito é o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, um ex-comediante e ator, que surpreendeu a comunidade internacional ao puxar os holofotes e a liderança para si, permanecendo no país e mantendo contato ativo com líderes de outras nações. Negando veemente, diversas vezes a atuação de grupos neonazistas em seu território e suplicou a outros países sanções contra a Rússia e o envio de equipamentos militares para a defesa da Ucrânia.

A anexação de um fato curioso sobre a Ucrânia, se desenvolve historicamente, desde 1986, ocasionalmente com um acidente nuclear, com eternas consequências e marcas em sua história e a de seus países vizinhos, notadamente Belarus. A explosão de um reator na usina de Chernobyl ocasionou milhares de mortes, além do fato de que tornou cidades como Pripyat, inabitáveis.

Segundo Dias (2015), "Desde então, este país é de suma importância estratégica no quadro geopolítico e geoestratégico europeu, alargado embarcou numa quádrupla transição: política, econômica, institucional e identitária. No que concerne à política externa, Kiev tem oscilado entre uma maior aproximação ora à UE, ora à Rússia, consoante os seus interesses e percepções nos diferentes momentos."

Economicamente, a Ucrânia é uma das principais potências do Leste Europeu. O país apresenta um Produto Interno Bruto (PIB) de 203,93 bilhões de dólares, e seu PIB per capita é de 4960 dólares. Na última década, a crise política interna e os conflitos com a Rússia condicionaram a desaceleração e, em alguns períodos, o encolhimento da economia ucraniana. Ainda que não faça parte, a Ucrânia tem recebido apoio da União Europeia por meio de um Acordo de Associação, o qual entrou em vigor em 2017, após uma década de negociações. Atualmente, Rússia e a China continuam sendo os principais parceiros comerciais, tanto nas exportações quanto nas importações.

2.3 CONFLITOS INTERNACIONAIS E GUERRAS

Os conflitos de guerra representam um dos fenômenos mais impactantes na trajetória da humanidade. Entender sua complexidade vai além do âmbito acadêmico,

é uma necessidade, dada a abrangência das consequências que esses conflitos acarretam, afetando vidas, nações e o mundo como um todo. Dentro do contexto desta pesquisa, um conflito de guerra pode ser conceituado como um embate armado envolvendo nações, grupos ou entidades, caracterizado pelo uso de força militar, e originado em disputas territoriais, ideológicas, políticas, econômicas ou culturais.

A evolução dos conflitos de guerra ao longo dos séculos foi moldada por mudanças tecnológicas, avanços nas doutrinas militares e transformações nas estruturas sociais e políticas. Estas mudanças têm impacto significativo nas dinâmicas dos conflitos e nas estratégias adotadas pelos envolvidos, influenciando diretamente os resultados e as consequências dessas disputas.

Segundo Nye (2002), o foco da dinâmica e ética na política internacional e como ela contrasta com a política interna. Destaca-se também que, na política internacional, a ética assume um papel menos predominante devido à fragilidade do consenso global sobre valores. Estados muitas vezes são compelidos a adotar posturas mais rígidas e radicais para proteger seus cidadãos, diferentemente da atuação dos indivíduos no âmbito interno, onde a radicalidade é menos aceitável.

A complexidade das relações internacionais dificulta prever com precisão as consequências das ações, dada a multiplicidade de fatores envolvidos. Além disso, devido à fraqueza das instituições na sociedade internacional, estabelecer limites éticos e definir a linha entre ordem e justiça torna-se um desafio. É necessário consolidar a evolução na abordagem dos instrumentos políticos, especialmente a força militar, na política internacional. Embora a força militar não esteja obsoleta, suas mudanças de curso e eficácia estão complexificando a política internacional, levando a uma reavaliação da tradicional visão sobre esses instrumentos.

Essa temática dos conflitos internacionais sempre desempenhou um papel significativo no campo do Direito Internacional Público. Anteriormente, até o início do século XX, a guerra era considerada uma opção legítima para os Estados resolverem suas disputas. Contudo, a partir desse período, foram estabelecidos acordos nos quais a guerra passou a ser reconhecida como uma violação ao direito internacional. Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar os conflitos internacionais, abordando de maneira geral os meios de solução pacífica de controvérsias e a guerra no âmbito do direito internacional contemporâneo.

FIGURA 6: RETRATO DA GUERRA



FONTE: TERRA, 2022

2.3.1 HISTÓRICO DE CONFLITOS ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA

Para compreendermos o início dessa magnitude conflituosa, parte-se do princípio que se refere a relação com o Império Russo e Austro-húngaro, pois, durante o período imperial, a Ucrânia estava dividida entre o domínio russo no Leste e centro, e o domínio austro-húngaro no Oeste. Sendo a cultura e política eram fragmentadas, com influências russas no Leste e polonesas/austro-húngaras no Oeste. Houve um renascimento do nacionalismo ucraniano no século XIX, buscando preservar a identidade e língua ucraniana. Ambos os impérios tentaram assimilar a população, reprimindo a língua ucraniana e promovendo suas próprias culturas. Os ucranianos enfrentaram desafios sociais e econômicos, incluindo servidão e pobreza. Apesar disso, surgiram movimentos de resistência liderados por intelectuais locais em busca da autonomia e emancipação ucraniana. Esse período foi marcado por uma luta contínua pela preservação da identidade cultural e pela busca da autonomia diante do domínio imperial.

Além disso, pode-se citar a participação ucraniana na Primeira Guerra Mundial, territorialmente imprescindível, tornando-se uma região estratégica no teatro de operações. As forças alemãs, austro-húngaras, russas e otomanas ocuparam seu território, impactando diretamente sua população. A devastação e a escassez de recursos afetaram profundamente os ucranianos, resultando em fome e dificuldades generalizadas para muitas famílias. Durante esse período turbulento, os nacionalistas ucranianos viram uma janela de oportunidade para buscar a independência e a autonomia, impulsionados pelo vácuo de poder criado pelo conflito.

Alinhados ao grande evento de Guerra Civil e o processo de independência Ucraniana, que simultaneamente se entrelaçavam, pois, perante a Revolução Russa e a Guerra Civil, a Ucrânia declarou independência da Rússia e tentou estabelecer uma república independente. No entanto, a Ucrânia tornou-se um campo de batalha

entre várias facções em conflito, incluindo os Bolcheviques, nacionalistas ucranianos, as forças brancas e outras. Prontamente, agremiando-se a anexação para União Soviética, que após Guerra Civil Russa, a URSS se formou em 1922, administrando várias repúblicas, incluindo a Ucrânia, sob regime comunista liderado por bolcheviques. A próxima idealização russa, foi durante as décadas de 1920 e 1930, a União Soviética impôs políticas agressivas de coletivização agrícola e industrialização, que tiveram um impacto significativo na Ucrânia, levando a fomes e conflitos.

Em razão disso, a época marcou uma significativa influência da Rússia sobre a Ucrânia, pois a União Soviética era liderada por uma elite russa. A Ucrânia enfrentou um período de intensa transformação social, econômica e política sob o domínio soviético, com profundas implicações em sua identidade nacional e relações com a Rússia.

Segundo Viana (2023), a Ucrânia independente manteve políticas muito similares às da República Ucraniana Socialista Soviética, perpetuando e alimentando seus laços com a Rússia. Em princípio, resistência inicial dos governantes ucranianos em assumir sua dependência da parceria russa foi, na realidade, vantajosa para o Estado russo, fundamentando o não reconhecimento do Estado ucraniano até 1997.

A independência da Ucrânia em 1991 foi um marco crucial, marcando sua separação da União Soviética e o estabelecimento como nação soberana. O processo envolveu uma crise política, social e econômica na URSS, levando ao anúncio de independência pelo Parlamento Ucraniano em agosto de 1991 e um referendo em dezembro, com quase unanimidade de apoio à independência. Isso foi prontamente reconhecido internacionalmente, culminando no fim formal da União Soviética com o Tratado de Belavezha em dezembro de 1991. A Ucrânia foi admitida como membro das Nações Unidas em outubro de 1991, consolidando sua soberania internacional. No entanto, a independência também trouxe desafios, incluindo a transição para uma economia de mercado, o estabelecimento de instituições democráticas e a gestão de uma população diversificada em termos étnicos e linguísticos.

Ao englobar-se o processo de independência da Ucrânia, pode-se ver o relato, segundo Mutz (2023), que era caminhava a passos largos, para se tornar, uma realidade política, social e econômica, na qual prende-se essencialmente com a existência de uma elite profundamente predatória que preside uma sociedade culturalmente dividida. Esta obteve a independência em 1991 pelos seus próprios esforços e, desde então, tem sido incrivelmente mal governada, tendo em conta o seu estatuto fraco e vulnerável, subjugando o seu interesse nacional às pressões exercidas pelos clãs regionais, ao sistema oligárquico e até aos interesses próprios.

Em finalização a conflitos, é enfático mencionar a anexação da Crimeia e suas disputas, que em sua razão, ocorreu em 2014, justificado como um evento geopolítico marcante que envolveu a Rússia e a península da Crimeia, historicamente ligada à Ucrânia. O evento foi altamente controverso, desencadeando tensões significativas entre a Rússia e a comunidade internacional. Após o colapso da União Soviética em 1991, a Crimeia tornou-se parte da Ucrânia independente, embora a Rússia mantivesse uma presença militar considerável devido a acordos bilaterais. Por sua vez, os protestos antigovernamentais em Kiev, capital da Ucrânia, em fevereiro de

2014, subsidiaram a uma mudança de governo. Logo após, as tropas russas, ocuparam a Crimeia, culminando em um referendo em março de 2014, no qual a maioria dos votantes optou pela anexação à Rússia. Entretanto, a comunidade internacional, incluindo a Ucrânia, não reconheceu a legitimidade desse referendo.

A Rússia formalizou a anexação em março de 2014, incorporando a Crimeia à Federação Russa. Isso gerou condenações e sanções econômicas de muitos países e organizações globais, que consideraram a anexação uma violação do direito internacional. Atualmente, a Crimeia está sob controle da Rússia, apesar das controvérsias e das sanções internacionais. A Ucrânia continua reivindicando a península e busca seu retorno ao controle ucraniano, tornando a anexação um tema contínuo de tensão geopolítica, com implicações profundas para a segurança e estabilidade da região.

Segundo Guimarães (2016), as decisões da Ucrânia de não resistir à ocupação, em retirar seu pessoal e protestar diplomaticamente ascendeu à rendição da Crimeia para a Federação Russa. Como consequência disso, a Ucrânia perdeu parte do seu território nacional, parte da sua população e parte do seu PIB.

2.3.2 GUERRA RUSSO-UCRANIANA

A Guerra Russo-Ucraniana refere-se a uma série de conflitos armados e tensões entre a Rússia e a Ucrânia, que começaram após a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014. Esses eventos são complexos e envolvem várias facetas políticas, territoriais, étnicas e históricas.

A anexação ocorreu após a Revolução Ucraniana de 2014, que levou à queda do presidente ucraniano Viktor Yanukovich. A Rússia justificou sua intervenção citando a proteção da população de língua russa na Crimeia e a realização de um referendo de independência, amplamente considerado ilegítimo pela comunidade internacional. Este evento desencadeou uma série de tensões entre a Rússia e a Ucrânia, resultando em um conflito em curso no leste da Ucrânia e gerando repercussões geopolíticas significativas.

Em 2010, a OTAN passou a utilizar o termo guerra híbrida para descrever ações adotadas por adversários com a capacidade de empregar, simultaneamente, meios convencionais e não convencionais de forma adaptativa na execução dos seus objetivos. O conceito de Guerra Híbrida utilizado até o momento foi produzido por militares e analistas ocidentais com o objetivo de compreender essa nova dinâmica de conflito que desafia o pensamento militar contemporâneo. A questão da “guerra híbrida russa” tornou-se tema central dos debates, após a guerra que levou à intervenção no Leste da Ucrânia e à anexação da Crimeia, em 2014.

Desde 2014, o conflito evoluiu em uma série de fases, com altos e baixos na intensidade dos combates. Houve tentativas de negociação e acordos de cessar-fogo, como os Acordos de Minsk em 2014 e 2015, que visavam buscar uma solução pacífica

para o conflito. No entanto, a implementação plena desses acordos tem sido desafiadora.

O conflito teve impactos devastadores sobre a população civil, resultando em milhares de mortes e feridos, além de causar danos significativos à infraestrutura e à economia da região. Houve deslocamentos internos e externos em larga escala, com um número substancial de pessoas buscando refúgio em outras partes da Ucrânia ou em países vizinhos. Ainda dessa maneira, é possível vislumbrar a decorrência para outros âmbitos e países, como podemos ver, na questão das tensões, se transbordarem para nas relações internacionais, com a União Europeia, os Estados Unidos e outros países condenando a intervenção russa e oferecendo apoio à Ucrânia. As sanções econômicas foram impostas contra a Rússia como resposta à sua suposta participação no conflito.

Segundo Lebelem (2022), a guerra em si, na verdade, ativou a dinamização da interdependência de fatores multidimensionais à segurança internacional, pois os impactos não se esgotam na geopolítica nem nos mútuos dilemas de segurança. Ainda assim, além dos aspectos mencionados, o conflito russo-ucraniano também tem implicações simbólicas nas identidades das populações envolvidas. A região do Leste europeu e da Ásia Central tem uma forte ligação simbólica com o território e a ancestralidade, o que intensifica a natureza complexa desse conflito.

A guerra não é apenas uma disputa territorial ou um conflito baseado em questões de segurança entre a Rússia e a OTAN; é igualmente uma intensa batalha discursiva. Nesse contexto, a guerra é justificada em nome da defesa e proteção dos direitos e da autodeterminação das minorias, especialmente das minorias russas.

O futuro do conflito permanece incerto, e a busca por uma resolução pacífica continua. A Ucrânia busca a reintegração de Donetsk e Luhansk em seu território, enquanto a Rússia defende soluções que garantam os direitos das minorias de língua russa na região. A resolução efetiva do conflito exigirá compromisso diplomático, cooperação internacional e desejo político para envolvimento de todas as partes convenientes. Sendo assim, é possível que se especule desencadeamento voltados a alguns âmbitos e medidas.

O conflito Russo-Ucraniano é uma complexa interação de elementos políticos, econômicos e sociais que moldam sua dinâmica e perspectivas de resolução. Dois desses elementos cruciais são as mudanças nas lideranças políticas e as pressões externas que o conflito enfrenta. As mudanças nas lideranças políticas tanto na Ucrânia quanto na Rússia têm o potencial de redefinir a trajetória do conflito. Novas lideranças frequentemente trazem consigo uma nova abordagem política, bem como uma disposição renovada para o diálogo e negociações. Esse aspecto é vital para estabelecer uma plataforma que possibilite um entendimento mútuo e a busca de soluções pacíficas.

Além disso, as pressões internacionais exercem uma influência significativa. A intensidade das sanções e a crescente pressão da comunidade internacional sobre a Rússia têm o poder de afetar suas ações no conflito. Sanções mais severas podem impulsionar a busca por uma solução negociada, incentivando um compromisso

construtivo. Outro fator que merece atenção é o desenvolvimento econômico. A estabilidade econômica na região desempenha um papel crucial, afetando as capacidades militares e as estratégias adotadas por ambas as partes envolvidas. Uma recuperação econômica sustentável pode influenciar positivamente, priorizando soluções pacíficas que visam o bem-estar e o desenvolvimento.

A resiliência demonstrada pela Ucrânia em resistir à agressão russa é outro fator-chave. Essa resiliência pode não apenas alterar as dinâmicas do conflito, mas também servir de inspiração para uma possível resolução pacífica, fundamentada na resistência e determinação em alcançar um entendimento.

Finalmente, o equilíbrio entre a intervenção externa e sua natureza é determinante. Intervenções diretas de atores internacionais podem intensificar ou pressionar por uma resolução. Gerenciar sabiamente essas intervenções é essencial para garantir que contribuam para a paz em vez de agravar o conflito.

As opiniões e atitudes da população russa e ucraniana também são elementos cruciais. A pressão da opinião pública sobre seus líderes pode desempenhar um papel fundamental na busca pela paz e no estímulo a seus líderes a buscarem soluções negociadas. Em síntese, compreender e gerir esses fatores é fundamental para alcançar uma resolução pacífica no conflito Russo-Ucraniano. A consideração equilibrada de mudanças políticas, pressões internacionais, desenvolvimento econômico, resiliência, intervenção externa e opinião pública é essencial para estabelecer um caminho para a paz e a estabilidade na região.

FIGURA 7: RETRATO DA GUERRA RUSSO-UCRANIANA



FONTE: ELORDENMUNDIAL.COM, 2022

3 RELAÇÕES COMERCIAIS

3.1 CONCEITO DE COMÉRCIO

Segundo Freitas (2022), o comércio pode ser caracterizado como uma atividade de compra, venda ou troca de produtos ou serviços.” Por mais que os meios usados possam ser diferentes, todo comércio tem um objetivo em comum: o lucro.”

A palavra “comércio” possui diversas origens. Segundo Ferreira (2017), uma delas, a grega e mais conhecida, “originada do latim commercium, sendo ela a junção das palavras “com” que significa algo como junto ou conjunto e “merx /merc” que é algo como mercado, local de troca. Dessa forma comércio seria algo como “local de troca onde pessoas se reúnem”.

3.2 HISTÓRICO DO COMÉRCIO

Determinar o início do comércio na linha do tempo histórico é algo praticamente impossível. Segundo Souza (2023), apesar dessa dificuldade, é possível realizar uma breve projeção sobre as possíveis primeiras trocas comerciais ocorridas no cotidiano de certas civilizações.

Primeiramente, deve-se ter explícito que, cada indivíduo ou chefe da família detinha consigo um tipo específico de habilidade para determinado trabalho. Para que esse indivíduo conseguisse realizar certa quantidade de seu trabalho, ele precisava dedicar seu tempo exclusivamente para tal, logo, um trabalhador recorria a outros trabalhadores que realizavam outras atividades, buscando realizar trocas de produtos ou serviços, a fim de satisfazer as suas necessidades e de sua família. Segundo Ferreira (2017), “esse modelo foi um ponto crucial no desenvolvimento do comércio em que havia trocas entre mercadorias sem o envolvimento de dinheiro ficou conhecido como escambo”.

O escambo ficou caracterizado por uma transação sem o uso de moedas. Segundo Silva (2023), as relações comerciais no escambo se davam “pela troca de mercadorias que satisfizesse ambas as partes.”

No Brasil, a prática do escambo também foi adotada. O exemplo mais emblemático foi a prática do escambo pelos portugueses durante a exploração do pau-brasil, durante o período conhecido como Pré-Colonial. Naquela época, os portugueses não estavam interessados em realizar expedições de exploração pelo território brasileiro em busca de ouro e prata, pois suas prioridades estavam voltadas para a comercialização de especiarias na Índia. Logo, eles deram início a exploração do pau-brasil, árvore que foi vista pelos portugueses como mercadoria com potencial de retorno financeiro. Nesse contexto, os portugueses firmaram um acordo com os índios baseado no escambo: eles responsáveis pela obtenção e transporte das toras

da árvore e em troca recebiam facas, machados e outros objetos metálicos considerados valiosos pelos nativos. (SILVA, 2023)

FIGURA 8: ESCAMBO NA ANTIGUIDADE



FONTE: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/escambo.htm> Acesso em: 25 set. 2023.

Segundo Souza (2023), “por exemplo, um pescador poderia trocar parte de sua mercadoria com um agricultor que tivesse batatas disponíveis para a troca.” Dessa forma, as primeiras atividades comerciais eram baseadas em trocas naturais, onde as partes estipulavam livremente a quantidade e os produtos que compunham as negociações.

Com o passar dos anos, essas trocas naturais foram se transformando em atividades comerciais mais complexas e podendo envolver mais de dois trabalhadores, como é o caso de negociações que envolviam transportes mais longos e produtos de grande porte. Segundo Souza (2023), foi nesse contexto em que as primeiras moedas começaram a aparecer nas negociações, como forma de “dinamizar as atividades comerciais entre os povos.” As moedas ganharam espaço nas negociações, pois elas eram de fácil transporte, possuíam valores fracionados, tinham grande durabilidade e o mais importante: não possuíam diferenciação entre as atividades. Ao longo da história, vários itens já foram utilizados como moedas, dentre eles: pedras, conchas, sal (origem da palavra salário), couro, tecidos, especiarias e posteriormente as que foram adotadas como unidades de valor atualmente, tais como ouro, prata e o próprio papel moeda.

FIGURA 9: MOEDAS ANTIGAS



FONTE: <https://www.foregon.com/blog/moedas-antigas-que-valem-dinheiro>
Acesso em: 25 set. 2023.

3.3 TIPOS DE COMÉRCIO

Como visto anteriormente, o comércio existe desde os primórdios e com o tempo, essa atividade sofreu diversas mudanças até se tornar o modelo que se conhece atualmente. Segundo Toshi (2023), de modo geral, a prática comercial, basicamente, “é a troca de uma coisa por outra”. Nos tempos antigos, essa troca era denominada escambo e o comércio como conhecemos hoje também segue esse princípio.

As dificuldades na produção e a escassez dos produtos se tornaram alguns critérios para a precificação nas negociações. Segundo Toshi (2023), essa precificação se mantém até os dias atuais “e envolve questões como impostos, transporte, processos de fabricação, entre outros. Esses fatores resultam em diversos tipos de comércio, cada um com suas particularidades e complexidades.”

Para Freitas (2022), existem 8 tipos de comércio. São eles: Atacado, Varejo, *Ecommerce*, Comércio especializado, Comércio independente, Comércio exterior, Comércio Integrado e Franquia.

O Atacado pode ser definido como o tipo de comércio que realiza vendas em grande escala. Normalmente, essas vendas são realizadas para outras empresas, caracterizando um modelo de negócio B2B (business to business – empresas para empresas), logo, as empresas do comércio atacado, usualmente, são os fornecedores de empresas varejistas.

Já o Varejo se caracteriza pelo comércio de vendas em pequena escala, visando atingir o consumidor final com vendas de menor quantidade de produtos por transação efetuada. No Brasil, esse tipo de comércio é um dos mais importantes e representativos, pois, constitui cerca de 20% do Produto Interno Bruto (PIB) do país.

O *Ecommerce*, conhecido como comércio eletrônico, é o tipo de negócio onde as vendas são realizadas pela internet. Nesse tipo de comércio, é possível usar canais como loja virtual em sites, redes sociais e marketplaces.

O Comércio especializado trata-se de um tipo de comércio onde a empresa realiza as vendas com foco em um mix de produtos reduzido, ou até em alguns casos, apenas de uma categoria. Esse tipo de comércio tem como ponto positivo a posição da empresa do mercado, pois, na maioria das vezes, uma empresa que pratica o comércio especializado é referência na sua área de atuação. Porém, tem como ponto negativo, a variação de produtos ofertados aos clientes, o que não atrai alguns perfis consumidores.

O Comércio independente, também popularmente conhecido como comércio familiar, é caracterizado como o tipo de comércio onde a empresa é conduzida por familiares e passa de geração em geração. Esse tipo de comércio tem como peculiaridade o seu porte, onde na maioria das vezes, é pequeno.

O Comércio Exterior pode ser caracterizado como o tipo de comércio onde as vendas de produtos ou serviços são realizadas entre empresas de diferentes nacionalidades. Nessas transações a importação e a exportação são encontradas. Além de relações comerciais entre empresas, existem transações comerciais entre governos do mundo inteiro, como a compra e venda de petróleo, óleos combustíveis, grãos etc.

Já a Franquia pode ser caracterizada como um modelo de negócio no qual um empreendedor se torna um franqueado, adquirindo os direitos de utilização de uma marca específica e, conseqüentemente, passa a fornecer os produtos e serviços associados a essa marca. As franquias devem aderir a um conjunto preestabelecido de normas estéticas e procedimentais, com o objetivo de assegurar a máxima satisfação do cliente, como por exemplo, o famoso McDonald's. Nesse modelo, tanto o franqueado quanto o franqueador são interdependentes no que se refere à geração de lucros. A proposta é que a empresa detentora da marca receba uma parcela dos lucros de cada unidade.

O Comércio Integrado é caracterizado como um tipo de comércio em um formato no qual empresas colaboram em uma cadeia de produção integrada, compartilhando informações, recursos e tecnologias. Geralmente, essas empresas mantêm seus próprios centros logísticos. Essa integração pode ser realizada por meio de diferentes estratégias, como acordos comerciais, alianças estratégicas ou fusões entre empresas. O objetivo é que, ao colaborarem de forma conjunta, as empresas consigam aprimorar sua eficiência, reduzir despesas e elevar a qualidade de seus produtos, como o caso da Lojas Americanas.

3.4 BLOCOS ECONÔMICOS

Após o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, os países capitalistas entraram em uma intensa competição em busca do controle dos consumidores e mercados. Esse foi o principal resultado da chamada 'globalização', uma vez que, diante das limitações individuais, as nações optaram por se unir em blocos econômicos, geralmente regionais, com o propósito de facilitar o acesso aos mercados e fornecer apoio mútuo entre seus membros. Segundo Machado e Matsushita (2019), os blocos econômicos representam acordos intergovernamentais nos quais as barreiras comerciais são reduzidas ou eliminadas. Essas associações são formadas entre países com o intuito de promover relações econômicas entre si e com outras nações, visando ao fortalecimento das interações econômicas mútuas e à integração das relações comerciais. Os blocos econômicos “começaram a surgir após a Segunda Guerra Mundial, e foram viabilizados em razão da tecnologia das comunicações e do transporte, que diminuiu as distâncias e possibilitou a aproximação de Nações e culturas diferentes, em busca de ajuda mútua.” (MACHADO; MATSUSHITA, 2019)

Segundo Machado e Matsushita (2019), a expansão dos blocos econômicos regionais ocorreu principalmente devido aos seguintes fatores:

- (i) é natural que países com políticas econômicas semelhantes avancem para alianças comerciais, buscando o comércio multilateral e aumento natural da competitividade; (ii) a conversão dos Estados Unidos da América ao regionalismo; (iii) o desmonte do Bloco do Leste, fazendo com que os países que giravam sobre a extinta União Soviética procurassem celebrar acordos de livre comércio; e (iv) o chamado “efeito dominó do regionalismo”, com o desejo de adesão dos países que ficam de fora da criação ou do aprofundamento dos blocos econômicos regionais.

Segundo Rossetto (2023), os blocos econômicos são alianças formadas entre nações com o propósito de fomentar relações mútuas. Eles emergiram como resposta à competição constante entre as economias globais. A criação de blocos econômicos visa promover e fortalecer a economia em um mundo globalizado. Na economia global contemporânea, a tendência é a formação de blocos econômicos que visam facilitar o comércio entre seus países membros. Ao integrarem blocos econômicos, as nações ampliam a acessibilidade de seus produtos e serviços a mercados em outros locais, obtendo assim uma significativa vantagem dessa colaboração.

O primeiro bloco de que se tem conhecimento foi formado no final da Segunda Guerra Mundial na Europa e contou com a participação da Bélgica, Holanda e Luxemburgo (BENELUX) As relações políticas e econômicas desse grupo tornaram-se progressivamente mais intrincadas, expandindo-se rapidamente para incluir um maior número de nações.

Segundo Marques (2023), os principais blocos econômicos mundiais são: Mercosul, União Europeia, USMCA, APEC, Comunidade Andina de Nações, ASEAN, SADC.

FIGURA 10: BLOCOS ECONÔMICOS NO MUNDO



FONTE: <https://www.todamateria.com.br/blocos-economicos/>
Acesso em: 30 set. 2023.

O Mercado Comum do Sul (Mercosul) foi criado em 1991. É o maior bloco econômico do Hemisfério Sul, formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Este bloco é uma União Aduaneira e, como tal, implementa uma Tarifa Externa Comum (TEC), o que significa que a maioria dos produtos negociados entre esses países não está sujeita a impostos. Além disso, eles aplicam as mesmas taxas de importação e exportação quando negociam com países fora do bloco. A Venezuela fez parte do Mercosul de 2012 a 2017, mas foi suspensa devido ao não cumprimento de requisitos e à instabilidade política.

A União Europeia é o bloco formado por 27 países europeus e foi criada em 1992. É o maior bloco do mundo em termos de número de membros, volume de vendas e Produto Interno Bruto (PIB). Esse bloco é considerado o mais integrado do mundo, estabelecendo uma união econômica e monetária. Isso implica na livre circulação de bens e investimentos, permitindo também que os cidadãos se desloquem sem restrições entre os países do bloco, inclusive com alguns documentos padronizados. A União Europeia mantém acordos econômicos substanciais com o Japão, e juntos compõem a maior área de livre comércio global desde fevereiro de 2019.

O Acordo Estados Unidos, México e Canadá (USMCA) substituiu o Nafta em julho de 2020. Essa alteração foi iniciada pelo presidente Donald Trump e foi aceita pelos outros parceiros após dois anos de negociações. O novo acordo amplia a regulamentação ambiental e impulsiona a produção de automóveis, ao mesmo tempo em que assegura aos Estados Unidos uma parte do mercado de laticínios no Canadá. Além disso, a maioria dos acordos anteriores ainda está em vigor, com ênfase na livre circulação de mercadorias (embora não de pessoas) entre os países do bloco.

A APEC (Cooperação Econômica Ásia-Pacífico) é o principal bloco da Ásia e foi formada em 1989 por vários países da Ásia, América e Oceania. O principal propósito do bloco é a diminuição das tarifas alfandegárias e a promoção do comércio. No entanto, há diversos conflitos internos entre os Estados-membros. É o bloco que engloba as nações com os maiores PIBs globais, uma vez que inclui China e Japão, que são as duas maiores economias do mundo.

A Comunidade Andina de Nações, anteriormente chamado de Pacto Andino, foi criado em 1969 e é formado por Bolívia, Colômbia, Equador e Peru. Além de promover a integração econômica, a CAN também almeja a integração política e a redução das desigualdades, uma vez que possibilita a livre circulação de pessoas entre os países membros do bloco.

A Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) foi criada em 1967 e é formada pelos países do sudeste asiático: Tailândia, Filipinas, Malásia, Singapura, Indonésia, Brunei, Vietnã, Mianmar, Laos e Camboja. O bloco possui uma zona de livre comércio e está em busca de uma integração política na região, uma vez que ocorreram violações da soberania nacional entre os países do grupo. Além disso, busca reduzir as desigualdades e promover a facilitação da circulação de pessoas entre os países-membros.

A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) foi criada em 1992 e atualmente conta com 16 países da região austral da África. Tem como objetivo estabelecer a estabilidade política e econômica entre as nações da região, promovendo a paz e assegurando a soberania de cada país.

A principal vantagem proporcionada pela união econômica entre nações é a diminuição ou eliminação das tarifas de importação, o que possibilita a aquisição de produtos a preços mais acessíveis. A redução nas tarifas alfandegárias também promove o aumento da mobilidade de pessoas e mercadorias. Segundo Marques (2023), as empresas podem tirar proveito da diminuição das importações de matérias-primas, o que se traduz em menores custos de produção e, conseqüentemente, na redução adicional dos preços dos produtos. As empresas que não se ajustarem às mudanças, assim como aquelas que carecem de recursos para competir com suas concorrentes em outros países do bloco, enfrentarão a possibilidade de falência. Isso resultará no fechamento de postos de trabalho e na redução de renda nos setores afetados pela ineficiência.

3.5 RELAÇÕES COMERCIAIS NOS CONFLITOS

As guerras e o poder militar estão condicionados pela dinâmica econômica. Segundo Veras (2023), compreender os conflitos armados que moldam as mudanças econômicas mundiais destacam a maneira como uma disputa regional ou continental pode desencadear repercussões globais por meio dos mecanismos econômicos, ressaltando, assim, a influência da economia no nosso dia a dia. Em seus estudos, Veras traz o petróleo, principal fonte energética global, como instrumento de estudo

para compreender “as disputas diplomáticas e conflitos armados ao redor do mundo pelo controle de seus pontos de produção.”

Os primeiros choques de petróleo foram registrados na década de 1970. Segundo Veras (2023), a Guerra de Yom Kippur foi o estopim. A Guerra do Yom Kippur foi um conflito armado que ocorreu em outubro de 1973, envolvendo Israel e o Egito, contando ainda com a participação significativa da Síria e o envolvimento mais contido de outros países árabes, como a Jordânia. Para se compreender as razões por trás da guerra, é necessário, antes de tudo, reconhecer a origem do conflito constante entre árabes e israelenses, que persiste desde a fundação do Estado de Israel em 1948, provocando uma forte oposição dos árabes à presença do povo israelense.

A Guerra de Yom Kippur, no que se refere às partes envolvidas no caso a ser examinado, foi intensificado devido à Guerra dos Seis Dias. Esse embate ocorreu em 1967, quando Israel conduziu ofensivas nos territórios fronteiriços egípcios e sírios durante seis dias. Como consequência, Israel conquistou esses territórios, gerando um profundo sentimento de rivalidade entre os países derrotados. No ano de 1970, Gamal Abdel Nasser, o presidente do Egito conhecido por sua política nacionalista e forte apoio ao movimento panarabista, faleceu. Com sua morte, Anwar al Sadat assumiu a presidência. Embora fosse visto como um líder mais moderado e tenha até recebido um Prêmio Nobel da Paz em 1978, Sadat planejou uma operação conjunta com Hafez Al-Assad, líder sírio na época, para recuperar o Sinai e as Colinas de Golã, territórios que haviam sido tomados durante a Guerra dos Seis Dias.

FIGURA 11: TANQUE NA GUERRA DE YOM KIPPUR EM 1973



FONTE: WIKIMEDIA COMMONS, 2018

No dia 6 de outubro de 1973, durante o feriado judaico de Yom Kippur (Dia do Perdão), Egito e Síria iniciaram uma ofensiva surpresa com o objetivo de expulsar Israel de suas antigas terras. Mesmo com inúmeros avisos recebidos pela Primeira-Ministra de Israel, Golda Meir, de que uma guerra iminente estava se aproximando, não se considerou a iminência de um ataque, uma vez que a data coincidia com o período do Ramadã, uma ocasião significativa para os árabes.

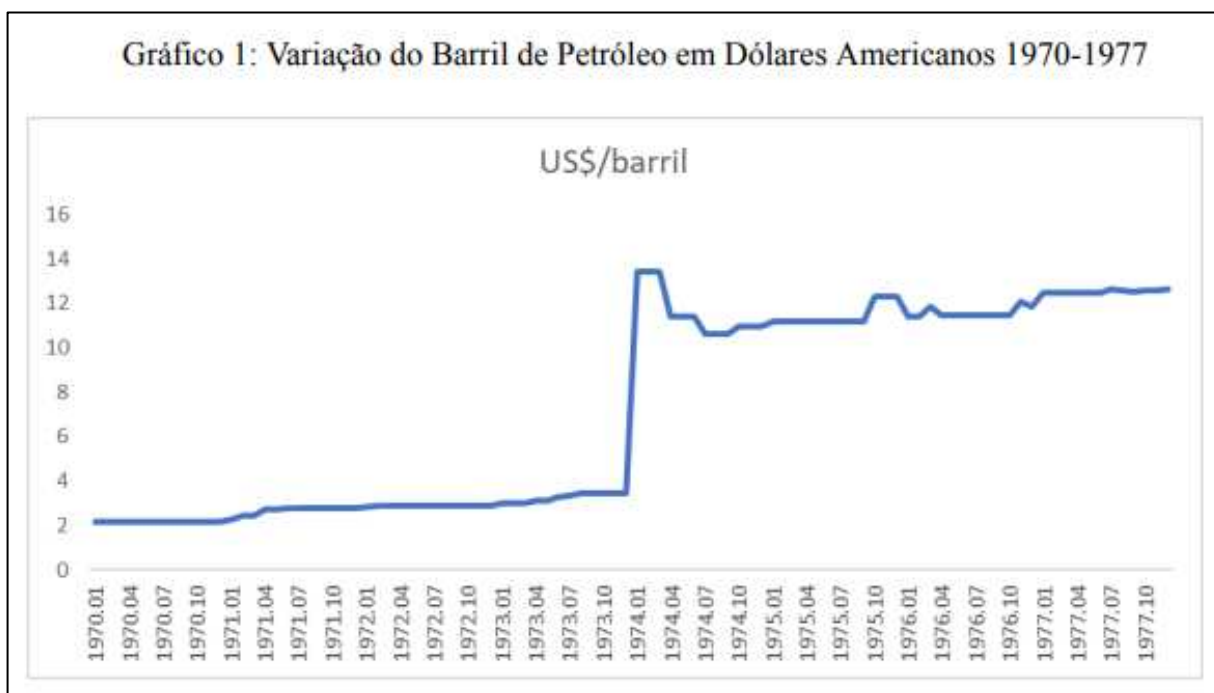
Nas fases iniciais do conflito, as forças de ataque aproveitaram a falta de preparo do inimigo para avançar. Com relativa facilidade, os egípcios conseguiram cruzar a costa do Canal de Suez e adentrar o território israelense. Contudo, em pouco tempo após o ataque inicial, Israel conseguiu repelir a ofensiva árabe, retomando sua posição e, em seguida, iniciou uma contraofensiva, ameaçando territórios na fronteira com o Egito e realizando bombardeios contra a capital síria de Damasco, isso foi possível por conta do apoio que recebiam dos Estados Unidos, uma vez que a União Soviética estava explicitamente fornecendo suprimentos ao Egito e à Síria. Em 26 do mesmo mês, as partes decidiram firmar um acordo de cessar-fogo, encerrando o conflito.

Entretanto, a herança deixada por essa guerra regional para o mundo foi uma séria crise econômica decorrente dos preços do petróleo. Embora não tenha impactado diretamente os preços do barril, o conflito provocou a indignação dos árabes, os principais produtores de petróleo do mundo. Em retaliação ao apoio do Ocidente a Israel, eles aumentaram significativamente os preços da commodity.

A Guerra de Yom Kippur teve fim menos de um mês após seu início. Contudo, os eventos subsequentes estavam apenas começando a se iniciar. Em resposta ao suporte dos Estados Unidos a Israel, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), predominantemente formada por nações árabes, optou por agir em defesa de seus aliados. O grupo escolheu reduzir a oferta de petróleo no mercado internacional em 25%, com uma diminuição adicional de 5% a cada mês, elevando, assim, seus preços a um nível sem precedentes na história. Simultaneamente, eles interromperam completamente as exportações para os Estados Unidos e outros países que apoiavam Israel, como a Holanda. Apesar da breve duração do conflito armado, o embargo árabe continuou por cinco meses.

Nos 20 anos antecedentes ao conflito, o preço médio do barril oscilava em torno de US\$1,99, com variações registradas entre US\$1,79 e US\$2,89 por barril, de acordo com dados da Estatística de Finanças Internacionais do FMI (FMI/IFS). No final de 1973, o valor do barril havia alcançado US\$3,42, representando um aumento de 18,34% em comparação ao mesmo período do ano anterior. Contudo, à medida que o embargo começou a produzir resultados, no início de 1974, o preço médio do barril de petróleo bruto em dólares americanos experimentou uma acentuada escalada. Em janeiro de 1974, o preço passou a ser negociado internacionalmente a US\$13,43 por barril, um valor que se manteve até março do mesmo ano, quando a OPEP decidiu encerrar as restrições. Esse movimento representou um aumento de cerca de 292% em comparação ao encerramento de dezembro de 1973.

FIGURA 12: VARIAÇÃO DO PETRÓLEO NA DÉCADA DE 70



FONTE: Rodrigo Veras, 2023

Nos anos seguintes, o valor da commodity permaneceria nesse patamar acima do que o mundo estava acostumado, e as implicações da decisão da OPEP de aumentar drasticamente os preços do petróleo começaram a se manifestar rapidamente em todo o mundo. Como a principal fonte de combustível, em 1974, o petróleo era responsável por 52,23% de toda a energia gerada a partir de combustíveis fósseis em todo o mundo. É importante destacar que, nessa época, as energias renováveis eram pouco discutidas, e a maioria da energia mundial provinha principalmente de fontes fósseis. Consequentemente, uma transformação tão significativa na principal matéria-prima de combustível a nível global certamente desencadearia uma reação em escala global.

Segundo Veras (2023),

A inflação disparou ao redor do mundo, atingindo níveis altíssimos. Nos países membros da União Europeia, a inflação de 7,75% em 1973 pulou para 13,16% em 1974. Esse movimento foi pior no Reino Unido, que viu o índice atingir 16,04% em 1974, chegando a 24,20% no ano seguinte. No Japão, que era extremamente dependente do petróleo árabe, a inflação disparou de 4,84% em 1973 para 11,60% após o embargo.

Já nos Estados Unidos, a inflação de 6,17% em 1973 foi para 11,05% em 1974. A situação para os norte-americanos era mais complicada, pois no início de 1973 os americanos se tornaram os maiores importadores de petróleo do mundo, ultrapassando o Japão, importando cerca de 32% do petróleo consumido (FUSER, 2008).

Outro conflito que também gerou impacto no valor do petróleo, foi a Revolução Iraniana e a Guerra Irã-Iraque. No meio das perturbações causadas pela Revolução

Iraniana, o mercado internacional de petróleo estava mergulhado no caos. No final de 1978, as manifestações contra o governo iraniano estavam se tornando cada vez mais intensas. Após todas as etapas do conflito e apesar da guerra ter se prolongado por vários anos, outubro de 1981 foi considerado o "fim", representando a última vez durante esse período em que os preços do petróleo subiram, impactando a economia.

FIGURA 13: MANIFESTAÇÃO IRANIANA EM 1978



FONTE: AP PHOTO, 2019

A Invasão do Kuwait e a Guerra do Golfo também foram conflitos onde o valor do petróleo impactou a economia mundial, porém, maneira inversa. Segundo Veras (2023), com a invasão do Kuwait pelo Iraque, as previsões do mercado, por razões imprevistas, concretizaram-se. A produção e a exportação de petróleo de ambos os países declinaram imediatamente após a invasão.

3.5.1 RELAÇÕES COMERCIAIS NA GUERRA RUSSO-UCRANIANA

A Guerra Russo-ucraniana também foi alvo de estudo de Veras. Como citado nos conflitos anteriores, o petróleo também sofreu impactos após os ataques da Rússia sobre a Ucrânia, em fevereiro de 2022, valendo destacar que esse não foi o primeiro embate entre as nações. Porém, segundo o site Cresol, a invasão de 2022 já é classificada como o conflito militar mais grave em solo europeu desde a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Veras (2023),

O impacto sobre os preços do petróleo veio imediatamente após a invasão russa. O risco de interrupção no fornecimento fez com que o valor do barril escalasse de US\$84 dólares em janeiro para US\$109 dólares em março. O valor atingiu seu pico em junho, alcançando o valor de US\$114. É importante ressaltar que o preço do barril da commodity já vinha subindo desde 2021. O começo do fim da pandemia do Coronavírus devolveu o nível de consumo das economias, que ao reverterem as políticas de lockdown retomaram a atividade. A maior flexibilização e a volta da população às ruas promoveram o aumento da demanda por bens e serviços que, como vimos, se relacionam diretamente com o petróleo. Dessa forma, a demanda pelo óleo cresceu de forma mais acelerada do que a oferta do mesmo. Um fator que colaborou para o fato da oferta não ter sido capaz de suprir a demanda foi a redução dos investimentos em exploração e produção de petróleo, muito por causa de pressões ambientalistas. O mau estigma do petróleo como fonte de energia fóssil poluente frente a uma sociedade que se mostra cada vez mais preocupada com temas ambientais, combinada com o menor consumo durante a pandemia, reduziu o número de investimentos no setor. Assim, quando a Rússia, segundo maior exportador de petróleo no mundo até então, iniciou uma guerra, o mercado precificou no valor do barril o risco de interrupção da oferta somado com uma oferta já insuficiente.

As demais potências mundiais responderam tentando prestar auxílio à Ucrânia, embora sem se envolverem diretamente no conflito armado. Como resultado, uma série de sanções econômicas foram aplicadas contra a Rússia. Segundo Veras (2023), os Estados Unidos e o Reino Unido proibiram a importação de petróleo russo, o que aumentou a demanda por óleo de outros produtores e resultou em um aumento dos preços no mercado internacional. A exclusão de bancos russos do SWIFT do sistema bancário europeu, resultou em custos adicionais para aqueles que ainda desejavam manter relações comerciais com o governo russo, o que também incentivou a mudança de importadores para novos fornecedores de diversas commodities, como o petróleo.

Outra commodity que também foi bastante impactada pelo conflito é a energia elétrica. Segundo o site Cresol (2023), o aumento dos preços dos alimentos, petróleo e energia elétrica é uma das consequências mais impactantes do início da guerra na Europa. Esse fenômeno tem impulsionado a inflação global e afetado várias nações. “Isso acontece porque Ucrânia e Rússia têm atuação relevante em dois mercados fundamentais para muitas atividades econômicas: o de alimentos e o de energia.”

O site Cresol também pontua que, é importante destacar que o conflito entre os países surgiu durante o período de recuperação pós-pandemia da Covid-19, o que auxiliou a amplificar os impactos, uma vez que havia um processo de crescimento que foi novamente interrompido devido à guerra.

Como citado anteriormente, até os dias de elaboração deste trabalho, o conflito entre os países ainda não chegou ao final. Segundo Caldas (2023), A invasão da Rússia na Ucrânia deverá acarretar um custo de US\$ 2,8 trilhões em produção perdida para a economia global até o final de 2023, de acordo com a Organização para a

Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A projeção do conjunto de economias avançadas, com sede em Paris, revelou, há aproximadamente sete meses após a invasão, a grandeza do impacto econômico resultante da invasão russa na Ucrânia, marcando o pior conflito militar no continente desde a Segunda Guerra Mundial.

Caldas também traz pontos importantes em sua pesquisa.

O ataque da Rússia deflagrou um salto nos preços de energia, que enfraqueceu os gastos das famílias e minou a confiança das empresas, particularmente na Europa.

O conflito deslocou cadeias de suprimento, causou escassez de alimentos e de outros produtos essenciais e abalou os mercados financeiros globais.

Governos do Ocidente temem que a recente decisão da Rússia de convocar reservistas e fazer preparativos para anexar mais partes do território ucraniano possam prolongar a guerra por meses, talvez anos, alimentando as incertezas que já pesam na economia global. (...)

Em relatório publicado nesta segunda-feira (26), a OCDE prevê que a economia global crescerá 3% este ano e 2,2% no próximo. Antes da guerra, as projeções eram de avanços de 4,5% em 2022 e de 3,2% em 2023.

A diferença entre as estimativas significa que o conflito e suas consequências custarão ao mundo o equivalente à produção econômica gerada pela França ao longo desses dois anos.

Em fevereiro de 2023, um ano após o início do conflito, Zúñiga (2023) afirmou que, a significativa redução no valor das exportações ucranianas, especialmente no setor de cereais, teve graves consequências para os países africanos que dependem desse tipo de produto. A Organização Mundial do Comércio (OMC) constatou que as exportações da Ucrânia registraram uma queda de 30% em termos de valor ao longo de 2022, no contexto do conflito com a Rússia, e os cereais foram um dos produtos mais afetados. Por outro lado, as exportações russas aumentaram em 15,6% durante o mesmo período, com destaque para os preços dos combustíveis, fertilizantes e cereais.

Segundo Zúñiga (2023), analisando o relatório publicado pela OMC, citou que, embora o valor das exportações russas tenha aumentado, a OMC sugere que o volume de exportação pode ter "diminuído ligeiramente". "Os fluxos comerciais caíram acentuadamente para bens industriais, como veículos motorizados, produtos farmacêuticos ou aeronaves, onde as sanções são mais restritivas", sinalizou a OMC em seu relatório.

As relações comerciais vêm sendo impactadas pela Guerra Russo-Ucraniana até o terceiro trimestre de 2023, período de finalização deste trabalho. Segundo Bastos (2023), em seu artigo "Panorama da economia mundial", divulgado em 21 de agosto de 2023,

Um dos fatores de risco para que a inflação permaneça elevada se refere aos desdobramentos da guerra na Ucrânia e, realmente, um fato relevante se concretizou em julho, quando a Rússia abandonou o acordo do Mar Negro, no dia 17. O acordo fora celebrado em julho de 2022 com intermediação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Turquia para garantir o escoamento de exportações de grãos ucranianas. (...) Observa-se que, nos doze meses de vigência do acordo, os preços desses produtos estiveram, em média, abaixo da média dos seis meses anteriores à iniciativa: o trigo, 26%; o milho, 12%; e a soja, 10%. Logo que a Rússia anunciou sua retirada do acordo, os preços subiram; porém, essa alta já se reverteu, nos três casos, pelo menos com os dados disponíveis até 15 de agosto.

3.5.1.1 ORGÃOS MEDIADORES DO CONFLITO

Segundo Trevisan (2023), o Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Antonio Guterres, afirmou que a invasão russa na Ucrânia resultou nas piores violações dos direitos humanos já documentadas, incluindo ataques à infraestrutura e grande sofrimento da população.

A Guerra Russo-Ucraniana trouxe impactos não só para os países protagonistas, mas também para todo o mundo, e devido a sua magnitude, foi necessário que órgão mediadores entrassem em ação, para minimizar esses impactos. Segundo a Diretriz da Organização das Nações Unidas (ONU), a mediação é um procedimento no qual uma terceira parte, com o consentimento das duas ou mais partes envolvidas, auxilia na prevenção, gestão e resolução de conflitos, ajudando a desenvolver acordos mutuamente aceitáveis. A base da mediação é a premissa de que, em um ambiente adequado, as partes envolvidas em um conflito podem melhorar seus relacionamentos e avançar em direção à cooperação. Os resultados obtidos, por sua vez, podem ter um escopo limitado, como lidar com uma questão específica para conter ou gerenciar um conflito, ou podem abranger uma ampla variedade de temas, como em um acordo de paz abrangente.

A ONU (Organização das Nações Unidas) caracteriza um órgão mediador do conflito em questão. Segundo Digolin (2023), Fundada no final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a principal missão da ONU é assegurar a preservação da paz e da segurança internacional.

Para isso, entre outros órgãos e departamentos subsidiários, a estrutura da organização inclui: um órgão deliberativo composto por todos os Estados membros, intitulado Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU); o Conselho de Segurança, único órgão com poder decisório formado por cinco membros permanentes com poder de veto, e dez membros não-permanentes com mandatos bianuais; a Corte Internacional de Justiça (CIJ), principal órgão judiciário da Organização composto por quinze juízes; e o Secretariado, que presta serviço aos demais órgãos das Nações Unidas, administrando as políticas e os programas elaborados.

A ONU, portanto, é uma organização intergovernamental de adesão voluntária. Isso porque conta com 193 Estados membros e desempenha um papel central nas discussões internacionais que abrangem temas como a proliferação nuclear, direitos humanos, desenvolvimento sustentável, entre outros.

FIGURA 14: SEDE DA ONU EM NOVA IORQUE



FONTE: DANIEL SLIM / AFP, 2021

Após a invasão russa da Ucrânia, a primeira medida da ONU foi convocar uma reunião de emergência do Conselho de Segurança em 25 de fevereiro para discutir o assunto. Segundo Digolin (2023), no âmbito da Corte Internacional de Justiça, foi divulgado o resultado da investigação sobre possíveis crimes de guerra no conflito entre Rússia e Ucrânia. O relatório concluiu que não havia evidências de que a Ucrânia tenha cometido ou planejado ataques que pudessem ser considerados crimes contra a humanidade, como argumentado pela Rússia para justificar a invasão. Além disso, o parecer incluiu a decisão de que o governo russo deveria suspender imediatamente suas operações militares em território ucraniano, o que não aconteceu.

Um ano após o início do conflito, a ONU aprovou uma resolução não obrigatória para fim da guerra. Segundo Coelho (2023), “a votação na Assembleia-Geral da entidade teve 141 votos a favor, sete contra e 33 abstenções.” O conteúdo da resolução requer a retirada imediata das forças russas, condena as “nefastas consequências humanitárias” e expressa o compromisso de promover a paz na região. Embora a resolução não tenha caráter obrigatório, é emitida às vésperas do aniversário de um ano do conflito, em um momento de crescente tensão diplomática.

Segundo a ONU News (2023), nessa mesma votação, António Guterres, o secretário-geral da ONU, afirmou que “a invasão é uma afronta à consciência coletiva e uma violação da Carta da ONU e do direito internacional.”

Em seu discurso, Guterres reforçou também que a ONU permaneceu ativa nas áreas de conflito, fornecendo ajuda humanitária em colaboração com parceiros. Segundo ele, “40% dos ucranianos precisam de algum tipo de apoio, já que a infraestrutura civil também foi bombardeada. Na última semana, a ONU lançou um apelo de US\$ 5,6 bilhões para levar ajuda a ucranianos.”

O ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, também discursou na Assembleia e afirmou que, há um ano, a Rússia tem deliberadamente atacado as infraestruturas civis no território ucraniano, resultando em morte e destruição generalizada. Segundo ele, os ataques intencionais a alvos civis demonstram que a Rússia não busca a paz, mas sim a guerra. Kuleba afirmou também que, os russos estão promovendo a adoção de crianças ucranianas com o objetivo de educá-las em russo e assimilar a cultura do país agressor, fato que, segundo ele, trata-se de um genocídio.

4 meses após a Assembleia, a ONU adicionou a Rússia à lista global de criminosos por matar crianças devido a Guerra na Ucrânia. Segundo Knight (2023), conforme o relatório da Organização, as forças russas e grupos associados foram responsáveis por 518 casos de mutilação de crianças e 480 ataques a escolas e hospitais na Ucrânia, contando com 136 mortes.

Outro órgão que pode ser considerado um mediador do conflito é a OTAN. Segundo Rocha (2023), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) foi um possível estopim da explosão do conflito devido a uma sinalização da Ucrânia em fazer parte da Organização. A OTAN foi criada em 4 de abril de 1949, por 12 países, entre eles EUA, Canadá, Reino Unido e França, durante a Guerra Fria, por meio da assinatura de um documento em Washington, EUA. Naquele contexto geopolítico, havia uma intensa polarização entre os países do bloco ocidental liberal e as nações socialistas, que estavam sob a influência da União Soviética. Os principais objetivos da aliança incluíam conter a expansão da influência comunista oriunda das nações do leste europeu, controlar a Alemanha, considerando o seu papel proeminente nas duas Guerras Mundiais, e garantir a proteção coletiva dos países membros.

Segundo Braun (2023), a estrutura do bloco comunista permaneceu intacta até 1991, quando a União Soviética entrou em colapso após o término da Guerra Fria, e uma Rússia enfraquecida surgiu como a herdeira política.

Naquele momento, chegou-se a discutir uma nova arquitetura de segurança mundial que incluísse a Rússia. A Otan chegou, inclusive, a assinar acordos de cooperação com a Rússia durante as décadas de 1990 e 2000, mas a parceria foi aos poucos se deteriorando por conta de divergências entre os membros. Os russos também tentaram entrar para a Otan, sem sucesso.

"Depois da Guerra Fria, houve conversas e negociações para parcerias, mas a Otan é uma aliança construída com base na confiança e nos valores comuns — e a Rússia nunca teve um momento realmente democrático na sua história moderna", diz o analista americano Bruce Jones, diretor do Projeto sobre Ordem Internacional e Estratégia do think tank Brookings Institution.

FIGURA 15: EXPANSÃO DA OTAN DESDE 1997



FONTE: BBC, 2022

O colapso da União Soviética desencadeou um processo de busca de independência por parte dos países do Leste Europeu, e ao longo dos anos, quase todos os antigos membros do Pacto de Varsóvia aderiram à OTAN, segundo Braun (2023). Para Putin, presidente da Rússia, a presença da OTAN no leste europeu representa uma das principais ameaças à Rússia. Putin argumenta que os Estados Unidos e a Europa Ocidental utilizam a aliança para cercar o país.

Portanto, mesmo a Ucrânia não sendo membro da OTAN, a Organização aumentou sua vigilância aérea nos países bálticos e na Europa Oriental para interceptar qualquer aeronave russa que viole o espaço aéreo de seus Estados-membros. Segundo Braun (2023), após a invasão da Ucrânia, os Estados-membros da OTAN concordaram em fornecer assistência militar a Kiev, incluindo o envio de milhares de armas antitanque, centenas de mísseis de defesa e suprimentos de munição.

3.6 CONSEQUÊNCIAS E IMPACTOS DA GUERRA RUSSO-UCRANIANA PARA EMPRESAS BRASILEIRAS

A invasão da Ucrânia pela Rússia marcou o início de um conflito cujos impactos geopolíticos e econômicos são perceptíveis não apenas na Europa, mas também em nações que não têm vínculos diretos com a guerra, como o Brasil. Estudos do site g1 afirmam que, “42% das empresas brasileiras sentiram impactos negativos relacionados à guerra na Ucrânia”, relacionados com a “alta do preço dos insumos, matérias-primas e produtos usados para a fabricação de outras mercadorias”.

Segundo Schossler (2023), os primeiros impactos observados no Brasil, após o início da guerra, foram de natureza econômica. O conflito resultou no aumento dos preços dos combustíveis e da energia, uma vez que a Rússia é o principal exportador global de gás natural e o segundo maior exportador de petróleo.

O petróleo, principal commodity mais afetada pelo conflito, teve uma escalada nos preços dos seus barris após a invasão. Segundo Schossler (2023), “o barril de petróleo logo passou de US\$ 100 (R\$ 510), para alcançar o pico de US\$ 130 (R\$ 670)”. Essa situação também se manifestou no aumento dos valores dos combustíveis, exercendo pressão sobre a inflação em escala global, incluindo no Brasil. Portanto, para Lisboa (2023), o aumento do valor do barril de petróleo tem repercussões não apenas na elevação do preço da gasolina, mas também em outros produtos derivados.

FIGURA 16: OPERAÇÃO DE PETRÓLEO NA RÚSSIA



FONTE: BLOOMBERG/ANDREY RUDAKOV, 2022

Porém, como todo ônus, existe um bônus. O aumento dos preços globais do petróleo durante 2022 resultou em maiores lucros para as empresas petrolíferas. Segundo Schossler (2023), a Petrobras, petrolífera brasileira, assim como outras empresas petrolíferas, registrou “lucros exorbitantes”. Foram registrados R\$ 145 bilhões nos três primeiros trimestres de 2022, quase o dobro do mesmo período de 2021.

Num cenário que já era de crescimento baixo e inflação alta, a elevação nos preços dos combustíveis contribuiu para um aumento ainda maior da taxa de juros pelo Banco Central. A autoridade monetária, que já vinha subindo a taxa básica de juros desde março de 2021, elevou-a para 13,75% ao ano até o fim de 2022.

Vários economistas argumentam que a atuação do Banco Central (BACEN) desempenhou um papel fundamental no controle da inflação no Brasil. Além do aumento das taxas de juros pelo BACEN, o que auxiliou na contenção da inflação brasileira em 2022 foi a isenção de tributos federais sobre combustíveis e energia, uma política que foi implementada durante o governo de Jair Bolsonaro e mantida durante o governo de Lula. Segundo Schossler (2023), com a isenção de tributos federais, os preços dos combustíveis começaram a diminuir no Brasil, mitigando, em parte, as preocupações iniciais geradas pelo início da guerra.

Outro setor que constatou tanto impactos positivos quanto negativos decorrentes da guerra na Ucrânia foi o agronegócio brasileiro. Segundo Schossler (2023), os agricultores brasileiros registraram despesas recordes com fertilizantes em 2022, pois, os custos de produção dispararam devido ao aumento nos preços dos fertilizantes. “Em 2022, 38 milhões de toneladas custaram quase 25 bilhões de dólares. Um ano antes, 41 milhões de toneladas haviam custado 15 bilhões de dólares”. A Confederação Nacional da Agricultura declarou que, a safra de 2022/23 foi considerada a mais cara da história, devido ao fato de que a Rússia é um dos principais fornecedores no mercado global de fertilizantes, com destaque para o potássio, que desempenha um papel fundamental na agricultura brasileira.

Continuando no setor agrícola, o trigo também foi alvo dos impactos e consequências do conflito. A agropecuária brasileira proporcionou um impacto positivo na balança comercial. Segundo Schossler (2023),

...o saldo do setor passou de 46,5 bilhões de dólares em 2021 para 65,8 bilhões de dólares em 2022, e a balança comercial brasileira, como um todo, teve superávit de 61,9 bilhões de dólares, pouco acima dos 61,4 bilhões de 2021 – com uma contribuição decisiva justamente do setor agrícola.

Essa balança positiva pode ser explicada pelo fato de que os preços das commodities agrícolas, assim como os do petróleo, também aumentaram significativamente com o início do conflito, resultando em maiores lucros para os produtores brasileiros. Tanto a Rússia quanto a Ucrânia são grandes produtoras e

desempenham papéis fundamentais no mercado internacional de trigo, pois juntas, representam cerca de 30% das exportações mundiais do grão. (SCHOSSLER, 2023).

Isso teve um impacto positivo na produção brasileira, resultando em um aumento da área plantada, uma safra recorde e um substancial crescimento nas exportações. A safra de 2022 atingiu quase 10 milhões de toneladas, um aumento de mais de 27% em relação à temporada anterior. Segundo Schossler (2023), “em 2022, o Brasil exportou 3 milhões de toneladas de trigo, o triplo do ano anterior. E importou 15% menos: 5,7 milhões de toneladas.”

FIGURA 17: PRODUÇÃO DE TRIGO NO BRASIL



FONTE: ENVATO ELEMENTS, 2022

Porém, o consumidor brasileiro sentiu os efeitos do aumento nos preços da farinha de trigo e do pão francês ao longo de 2022. Segundo a Abimapi (Associação Brasileira das Indústrias de Biscoitos, Massas Alimentícias e Pães & Bolos Industrializados), com o aumento do preço do trigo, as empresas do setor alimentício repassaram o aumento dos custos de produção aos consumidores.

Segundo Barbosa (2023), “a commodity subiu mais de 24% diante da guerra na Europa”. O aumento ocorreu porque conflito impactou a produção ucraniana e ainda interferiu na distribuição do trigo, pois, resultou no fechamento de portos e na interrupção do transporte.

O Brasil sofreu os impactos do preço do trigo, pois, segundo a Abimapi, o país produz menos da metade do trigo necessário para atender à demanda nacional. Portanto, o Brasil precisa importar "grandes quantidades do grão" de nações como Argentina, Canadá e Estados Unidos. Apesar das importações de trigo não incluírem a Rússia e Ucrânia, os preços refletem a alta da cotação internacional.

4 CONCLUSÃO

Pode-se afirmar que o início da guerra na Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022 atuou como um catalisador de tendências que já estavam em andamento, tais como a crise da globalização, as tensões nas cadeias de suprimentos e a crescente ênfase nos fatores de segurança nacional nas estratégias das principais potências.

Os países protagonistas da Guerra em questão possuem grande contexto histórico que desencadearam a invasão de 2022. Em conflitos antigos, pôde-se observar que, seguindo o mesmo padrão, crises de combustíveis e energias já ocorreram e tiveram proporções globais.

Analisar os conflitos armados que influenciaram nas transformações econômicas globais, destaca como um conflito regional ou continental pode provocar impactos globais por meio dos fatores econômicos, destacando, assim, a influência da economia em nosso cotidiano, seja de empresas ou consumidores. A Guerra Russo-Ucraniana não foi o primeiro conflito da história protagonizado por Rússia e Ucrânia, e não foi o primeiro conflito da história onde sua existência gerou impactos para a economia.

Afinal, segundo Carmona (2022), a pandemia de COVID-19 e, posteriormente, o conflito na Ucrânia deixaram claro que existe uma geopolítica de energia e de alimentos, indo além da visão simplista, ou até cínica, do liberalismo, que enxerga o comércio desses dois insumos vitais meramente como uma atividade de mercado. O Brasil, conhecido por sua produção de alimentos que atende a uma população de pelo menos 800 milhões de habitantes, conforme a Embrapa (2021), e já posicionado como o sétimo maior produtor mundial de petróleo (TV Senado 2021), com perspectivas de se tornar o quinto maior exportador de petróleo globalmente (Bitencourt 2021), deve reconhecer a importância desse contexto em evolução.

É relevante destacar que até a data de finalização deste trabalho, o conflito entre essas duas nações, que em tempos passados estiveram unidas sob a bandeira da União Soviética, ainda não chegou ao seu desfecho, permanecendo sujeito a significativas mudanças em seu curso. Por fim, pode-se concluir que, empresas e consumidores brasileiros sentiram os impactos e consequências, tendo que se adequar aos novos padrões estabelecidos pelo mercado após a Guerra Russo-Ucraniana.

Durante a conclusão deste trabalho, no dia 07 de outubro de 2023, o grupo radical islâmico Hamas, considerado terrorista pelos Estados Unidos e a União Europeia, bombardeou Israel, em um ataque terrorista, deixando centenas de mortos. Os preços do barril de petróleo subiram mais de 5% em uma semana e o cenário está sendo avaliado, considerando a possibilidade de o conflito no Oriente Médio se agravar à medida que Israel inicia ataques terrestres dentro da Faixa de Gaza, logo, sugere-se estudos sobre o conflito e seus impactos na economia mundial.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **“A guerra não é a solução, a guerra é um problema”, diz Guterres em reunião sobre a Ucrânia.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/02/1810312#:~:text=Esfor%C3%A7os%20da%20ONU,infraestrutura%20civil%20tamb%C3%A9m%20foi%20bombardeada>. Acesso em: 10 out. 2023.

_____. **Diretrizes das Nações Unidas para uma mediação eficaz.** Disponível em: https://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/GuidanceEffectiveMediation_UNDPA2012_pt_Jun2015correction_0.pdf. Acesso em: 05 out. 2023.

_____. **Estudo aponta que 42% das empresas brasileiras sentiram impactos negativos relacionados à guerra na Ucrânia.** Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2022/06/01/estudo-aponta-que-42percent-das-empresas-brasileiras-sentiram-impactos-negativos-relacionados-a-guerra-na-ucrania.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2023.

_____. **Impactos da guerra entre Rússia e Ucrânia na economia e no setor agrário brasileiro.** Disponível em: <https://blog.cresol.com.br/guerra-russia-e-ucrania/Com0-a-guerra-da-Russia-atingido-diversos-paises>. Acesso em: 05 out. 2023.

_____. **Membros da CEI: Comunidade de Estados Independentes.** Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/aliancas/cei-comunidade-de-estados-independentes.php>. Acesso em: 24 ago. 2023.

APPLEBAUM, A. **Putin usa métodos comparáveis à era soviética.** *Observador*, 04/03/2023. Disponível em: <https://observador.pt/2023/03/04/putin-usa-metodos-comparaveis-a-era-sovietica-diz-historiadora-anne-applebaum/>. Acesso em: 16 out. 2023.

BANCHER, Flavia. **A queda do muro de Berlim e a presentificação da história.** Atelie Editorial, 2003.

BARBOSA, Marina. **Pães, biscoitos e massas ficarão mais caros com a guerra.** Disponível em: <https://www.poder360.com.br/europa-em-guerra/paes-biscoitos-e-massas-ficaroo-mais-caros-com-a-guerra/>. Acesso em: 15 out. 2023.

BASTOS, Estêvão Kopschitz Xavier. **Panorama da economia mundial.** Brasil: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023.

BRAUN, Julia. **Qual o papel da Otan no confronto entre Rússia e Ucrânia?** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60580704>. Acesso em: 12 out. 2023.

CALDAS, Sergio. **Guerra na Ucrânia deve custar US\$ 2,8 trilhões à economia global, estima OCDE.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/guerra-na-ucrania-deve-custar-us-28-trilhoes-a-economia-global-estima-ocde/>. Acesso em: 05 out. 2023.

CARMONA, Ronaldo. **A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica**. Cebri, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 88-111, ago. 2022.

CAVALCANTE, Milene Dantas. **Conflitos Internacionais**. CONPEDI–Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito. Florianópolis, SC, p. 2, 2001.

COELHO, Rodrigo Durão. **ONU aprova resolução para o fim da guerra na Ucrânia; Brasil vota a favor e China se abstém**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/23/onu-aprova-resolucao-para-o-fim-da-guerra-na-ucrania-brasil-vota-a-favor-e-china-se-abstem/>. Acesso em: 10 out. 2023.

COUTO, Marcela. **Quais são os principais tipos de comércio?** 2023. Disponível em: <https://www.nuvemshop.com.br/blog/tipos-comercio/>. Acesso em: 25 set. 2023.

DA SILVA OLIVEIRA, Ney. **A OTAN e o Pacto de Varsóvia**. A Defesa Nacional, v. 70, n. 707, 1983.

DA SILVA RODRIGUES, Fernando. **GUERRA HÍBRIDA: ANEXAÇÃO DA CRIMEIA E CRISE DA UCRÂNIA SOB A PERSPECTIVA POLÍTICO-ESTRATÉGICA DA OTAN**. Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Análise Estratégica, v. 20, n. 2, p. 39-57, 2021.

DIAS, Vanda Amaro. **A guerra na Ucrânia: As dimensões interna e internacional da crise na Ucrânia**. Relações Internacionais, 2015.

DIGOLIN, Kimberly Alves. **A atuação da ONU no conflito entre Rússia e Ucrânia**. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/a-atuacao-da-onu-no-conflito-entre-russia-e-ucrania/>. Acesso em: 10 out. 2023.

DOHANI Pereira, R., VEIGA Margazão, D. (1). **A criação da Otan e sua permanência do período pós-Guerra Fria**. Fronteira: Revista De iniciação científica Em Relações Internacionais, 3(5), 83-104.

FERREIRA, Denis. **COMÉRCIO – ORIGEM E DEFINIÇÃO**. 2017. Disponível em: <http://admsemsegredos.com/comercio-origem-e-definicao.htm>. Acesso em: 25 set. 2023.

FRANÇA, Alana Benini Luiz de. **"RELAÇÕES UCRÂNIA E RÚSSIA PÓS URSS: identidade e energia"**. São Paulo, 2015.

FREITAS, Vitória. **Conheça os 8 tipos de comércio e a importância de cada um deles**. 2022. Disponível em: <https://ecommercenapratica.com/blog/tipos-de-comercio/>. Acesso em: 25 set. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.

GUIMARÃES, Victoria Helena. **O jogo da anexação da Crimeia: o conflito ucraniano sob a ótica da teoria dos jogos**. 2016.

GUITARRARA, Paloma. **Rússia**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/russia.htm>. Acesso em 11 de agosto de 2023.

GUITARRARA, Paloma. **Ucrânia;** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/ucrania.htm>. Acesso em 24 de agosto de 2023.

KNIGHT, Mariya. **ONU adiciona Rússia à lista global de criminosos por matar crianças na Ucrânia.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/onu-adiciona-russia-a-lista-global-de-criminosos-por-matar-criancas-na-ucrania/>. Acesso em: 10 out. 2023.

LEBELEM, Cristiane; VILLA, Rafael Duarte. **A guerra russo-ucraniana: impactos sobre a segurança regional e internacional.** CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs, n. 3, p. 112-136, 2022.

LICINA, Simão. **A Comunidade de Estados Independentes: desafios e resiliência: Integração regional e multilateralismo.** Janus, OBSERVARE. Universidade Autónoma de Lisboa, 2016. Disponível em: https://repositorio.ual.pt/bitstram/11144/2961/1/3.9_LiciniaSimao_CEI.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

LISBOA, Maceno. **Os impactos da guerra da Ucrânia na economia brasileira.** Disponível em: <https://arquivei.com.br/blog/guerra-ucrania-economia/>. Acesso em: 13 out. 2023.

MAC, Mahon. **Um mundo derrubado.** L&PM: [s. n.], 2012. 15 p. Disponível em: https://www.lpm-editores.com.br/livros/lmagens/guerra_fria_encyclopaedia_trecho.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

MACHADO, Marlon Wander; MATSUSHITA, Thiago Lopes. **GLOBALIZAÇÃO E BLOCOS ECONÔMICOS.** In: V. 1 N. 1-EXT (2019): EDIÇÃO EXTRAORDINÁRIA - DIREITOS HUMANOS., 1., 2019, São Paulo. Artigo. São Paulo: Puc/Sp, 2019. p. 104-132. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2526-6284.2019next1p104-132>. Acesso em: 29 ago. 2023.

MARK, Joshua J. **Rússia de Kiev.** Traduzido por Jonas Tenfen. World History Encyclopedia. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-16603/russia-de-kiev/>. Acesso em 11 de agosto de 2023.

MARQUES, Vinícius. **Blocos Econômicos.** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/blocos-economicos/>. Acesso em: 30 set. 2023.

MUTS, Dariya. **As Relações Económicas e Políticas Entre a Ucrânia e a União Europeia (Desde 1991 até 2017).** 2019. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal).

NYE, Joseph. **Compreender os conflitos internacionais.** Lisboa: Gradiva, p. 71-92, 2002.

ROCHA, Miguel. **O que é a OTAN e qual é o seu papel na Guerra da Ucrânia.** Disponível em: https://cultura.uol.com.br/minuto-cultura/noticias/2022/04/06/127_o-que-e-a-otan-e-qual-e-o-seu-papel-na-guerra-da-ucrania.html. Acesso em: 12 out. 2023.

ROSSETTO, Maria Júlia. **Blocos econômicos: aprenda o que são e conheça os principais.** Disponível em: <https://querobolsa.com.br/enem/geografia/blocos-economicos>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SALUM, Alfredo Oscar. **Rússia 1917: Literatura e Revolução.** Rússia Imperial e literatura, Todas as Musas ISSN, v. 2, p. 1-15, 2019.

SANTOS JÚNIOR, Raimundo Rodrigues dos. **Da guerra fria à corrida espacial: um recorte interdisciplinar para a educação básica.** São Paulo, 2021.

SANTOS, Lidiane Rebouças; XAVIER, Rafael Aparecido Gonçalves. **KIEV: UMA ANÁLISE REGIONAL E TERRITORIAL SOBRE OS CONFLITOS HISTÓRICOS E ATUAIS.** 2014. 14 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, A Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SCHOSSLER, Alexandre. **As consequências da guerra na Ucrânia para o Brasil.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2023/02/24/as-consequencias-da-guerra-na-ucrania-para-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 12 out. 2023.

SEGRILLO, A. **HISTORIOGRAFIA DA REVOLUÇÃO RUSSA: ANTIGAS E NOVAS ABORDAGENS.** Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 41 p, 2011.

SEGRILLO, Angelo. **Os Russos.** São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Daniel Neves. **Escambo.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/escambo.htm>. Acesso em: 25 set. 2023.

SILVA, Jefferson. **Rússia: como funciona o país de Vladimir Putin?** Disponível em: <https://www.politize.com.br/russia-sistema-politico/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

SOARES, Marcio Luiz. **“A primeira Guerra Mundial e o Cafeicultor Paulista.”** Editora da Unicamp, 2009.

SOUZA, Rainer. **História do Comércio.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/historia-do-comercio.htm>. Acesso em: 25 set. 2023.

TORTELLA, Tiago. **Entenda a Guerra da Ucrânia em 10 pontos: Batalha mudou cenário geopolítico e é maior crise humanitária em anos na Europa.** O que diz a Ucrânia, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-guerra-da-ucrania-em-10-pontos/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

TOSHI, Roger. **Tipos de comércio: conheça quais são os principais.** Disponível em: <https://sgsistemas.com.br/tipos-de-comercio-conheca-quais-sao-os-principais/>. Acesso em: 25 set. 2023.

TREVISAN, Leonardo. **Guerra na Ucrânia e os impactos na economia global.** Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/internacional/guerra-na-ucrania-e-os-impactos-na-economia-global/>. Acesso em: 05 out. 2023.

VERAS, Rodrigo. **Conflitos Armados Como Causadores de Choques no Preço do Petróleo e seus Impactos na Economia.** 2023. 60 f. Monografia (Especialização) - Curso de Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

VIANA, S. **A Trajetória Ucraniana Como Catalisadora da Invasão Russa.** Disponível em: [VIANA_A_Trajetória_Ucraniana_Como_Catalisadora_da_invasão_Russa-libre.pdf](#)> Acesso em: 16 out. 2023.

ZÚÑIGA, Matheus. **Após um ano de guerra, exportações caem 30% na Ucrânia, mas crescem 15% na Rússia, diz OMC.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/apos-um-ano-de-guerra-exportacoes-caem-30-na-ucrania-mas-crescem-15-na-russia-diz-omc/>. Acesso em: 05 out. 2023.